

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**REALIDADE E POSSIBILIDADES DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DA UFRPE**

IGOR DIEGO FARIAS DA SILVA

**Recife
2022**

IGOR DIEGO FARIAS DA SILVA

**REALIDADE E POSSIBILIDADES DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DA UFRPE**

**Monografia apresentada como
requisito parcial para a obtenção
do título de licenciada em
Educação Física pela
Universidade Federal Rural de
Pernambuco- UFRPE.
Orientadora: Erika Suruagy Assis
de Figueiredo**

**RECIFE
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S586r Silva, Igor Diego Farias da
REALIDADE E POSSIBILIDADES DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DA UFRPE / Igor Diego Farias da Silva. - 2022.
65 f. : il.
- Orientadora: Erika Suruagy Assis de Figueiredo.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Educação Física, Recife, 2023.
1. Educação Física. 2. Estágio Supervisionado. 3. Pandemia. 4. Formação de Professores. I. Figueiredo, Erika Suruagy Assis de, orient. II. Título

CDD 813.7

IGOR DIEGO FARIAS DA SILVA

**REALIDADE E POSSIBILIDADES DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DA UFRPE**

Aprovado em 11 de outubro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Érika Suruagy Assis de Figueiredo

Profa. Orientadora

Andréa Carla de Paiva

Profa. Examinadora I

Eduardo Jorge Souza da Silva

Prof. Examinador II

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha mãe por ter me guiado e ter me ensinado a ser um homem íntegro e justo; a minha esposa Rebecca Karon, que também foi minha colega de classe neste curso, sempre segurando minha mão e ao meu filho Lucca, pois através dele eu obtive mais determinação para buscar um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter aberto esse caminho na minha vida onde eu me encontrava perdido em decidir qual curso iria fazer.

À minha mãe, por me apoiar e incentivar- me a continuar.

Ao meu irmão, por ser um espelho de formação profissional e de determinação em busca dos seus objetivos.

A meus colegas da universidade, que se tornaram amigos próximos, com eles vivi momentos únicos.

Aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, pela qualidade de ensino que chegou até mim, em especial a minha orientadora Érika Suruagy.

À minha família, por todo incentivo.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo explicar como os alunos da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE vivenciaram o Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO durante a pandemia da COVID-19 e que contribuições foram oportunizadas para o desenvolvimento desses futuros professores. Dado o exposto, a escolha dos caminhos para a pesquisa tem relação com o foco proposto na discussão, dentro de uma abordagem quali-quantitativa. Os procedimentos de coleta dos dados desta pesquisa aconteceram em três momentos: o primeiro através de uma revisão bibliográfica, mediante análise de publicações periódicas e artigos científicos no Portal CAPES/MEC, buscando estudos referentes à formação de professores, em especial, sobre os estágios supervisionados, durante a pandemia. No segundo momento foi realizado o relato de experiência através da exposição de uma síntese da realidade e possibilidades da prática da Educação Física durante a pandemia em 3 (três) ESOs. O terceiro procedimento ocorreu por intermédio de um questionário composto por 8 (oito) questões fechadas, elaborado na plataforma Google Forms e aplicado a estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE que participaram da disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório durante o período de 2021.1 a 2022.1. Esse caminho de investigação e a utilização desses procedimentos nos ajudaram a elucidar como a pandemia da Covid-19 alterou a dinâmica de ensino do Estágio Supervisionado Obrigatório na UFRPE do curso de Licenciatura em Educação Física e quais contribuições oportunizou para o desenvolvimento de seus futuros professores. Por fim, observamos que o ESO é uma importante ponte de acesso à escola, aos estudantes e ao fazer docente e que os estudos apontaram uma relação de concordância com as opiniões dos sujeitos quando associados às bibliografias pesquisadas e às sínteses da experiência do pesquisador.

Palavras chaves: Educação Física; Estágio Supervisionado; Pandemia; Formação de Professores.

ABSTRACT

This study aims to explain how students of the Degree in Physical Education at Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE experienced the Mandatory Supervised Internship - ESO during the COVID-19 pandemic and what contributions were made to the development of these future teachers. So, this way the choice of research paths is related to the proposed focus of the discussion, within a quali-quantitative approach. The data collection procedures of this research took place in three moments: the first through a bibliographic review, through the analysis of periodicals and scientific articles in the CAPES/MEC Portal, seeking studies related to teacher training, in particular, on supervised internships , during the pandemic. In the second moment, the experience report was carried out through the exposition of a synthesis of the reality and possibilities of the practice of Physical Education during the pandemic in 3 (three) ESOs. The third procedure took place through a questionnaire composed of 8 (eight) closed questions, prepared on the Google Forms platform and applied to students of the Degree in Physical Education at UFRPE who participated in the Mandatory Supervised Internship discipline during the period from 2021.1 to 2021. 2022.1. This path of investigation and the use of these procedures helped us to elucidate how the Covid-19 pandemic changed the teaching dynamics of the Mandatory Supervised Internship at UFRPE of the Degree in Physical Education and what contributions it provided for the development of its future teachers. Finally, we observed that the ESO is an important access bridge to school, students and teaching and that the studies showed a relationship of agreement with the opinions of the subjects when associated with the bibliographies researched and the syntheses of the researcher's experience.

Keywords: Physical Education; Supervised internship; Pandemic; Teacher training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA.....	12
2.1 A pandemia do Covid-19.....	13
2.2 A Escola e o Ensino Remoto.....	15
2.3 O papel do professor em tempos de pandemia	19
2.4 O uso de ferramentas digitais na prática pedagógica.....	21
2.5 A Educação Física em tempos de Pandemia	23
3. METODOLOGIA	27
4. UMA SÍNTESE DA REALIDADE E AS POSSIBILIDADES ENCONTRADAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DURANTE A PANDEMA.....	34
5. AS VOZES DOS/AS DISCENTES DA UFRPE SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NA PANDEMIA.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
8. APÊNDICE.....	46

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um marco muito importante na vida do futuro professor, pois é neste exato momento em que a realidade da prática docente se torna mais concreta. Ilha, et al (2022) afirma que a característica básica do estágio está em inserir o/a acadêmico/a no contexto escolar de forma com que possa assumir, em maior ou menor intensidade uma turma de estudantes.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE apresenta na matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, uma sequência de quatro Estágios Supervisionados Obrigatórios - ESO, nos quais o ESO I se destina a educação infantil, o ESO II ao ensino fundamental anos iniciais, o ESO III destinado ao ensino fundamental anos finais e o ESO IV ao ensino médio.

Contudo, desde que se constituiu como instituição que fornece o processo de ensino para discentes, com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos culturais, sociais e cognitivos, foram raros os momentos em que a escola, campo de estágio, precisou fechar completamente e isso aconteceu diante da pandemia da COVID-19. Júnior, Vaz e Souza (2021) discorrem que foi preciso elencar estratégias para reduzir a disseminação do vírus e o contágio pela doença. As medidas de prevenção da COVID-19 na sociedade foram as práticas de quarentena e distanciamento social. Isso levou escolas a fecharem suas portas para o público em março de 2020.

Esse vírus surgiu no final do ano de 2019 e se propagou mundialmente no ano de 2020, provocando uma avalanche de situações amedrontadoras, desafiadoras e surpreendentes em todo o cenário educacional, pessoal, social e emocional. Ele foi denominado como Sars-Covid 19, popularmente conhecido como Coronavírus.

Sendo muito fácil de se propagar, a Covid-19 se espalhou pelo mundo e logo foi denominado como uma pandemia, fazendo com que escolas no mundo todo tivessem suas atividades presenciais suspensas. Os agentes fundamentais no processo educacional, viram-se, de um momento para outro, tendo que buscar alternativas que passaram a ser adotadas com o objetivo de reduzir o prejuízo educacional e a preservação do direito à educação e à vida.

Silva et al (2021), aponta que devido ao fechamento das escolas e instituições, todas as esferas de ensino tiveram que sofrer implementações de medidas contra os impactos do coronavírus, através da realização massiva de propostas do ensino remoto.

Em nossa Instituição de Ensino, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, o processo de retomada das aulas demorou cerca de seis meses para acontecer. Até que foi designado o ensino remoto através de PLE (Período Letivo Excepcional). Durante todo o PLE não pudemos cursar a disciplina de ESO, atrasando nosso curso, pois muitas escolas da RMR não estavam sequer preparadas para atender estagiários em um sistema remoto de ensino, isso quando havia aulas.

Diante deste cenário, ficamos estagnados, sem saber quando, como e em que situação poderíamos continuar nosso curso, contando com a vivência dos estágios supervisionados obrigatórios. Os ESOs só voltaram a acontecer no ano de 2021, de forma remota e dentro deste cenário encontramos diversos desafios e possibilidades, a fim de que o objetivo de aperfeiçoar nossa prática como docentes continuasse.

Durante a pandemia de Covid-19, tive a oportunidade de vivenciar duas situações: ser estudante e realizar intervenções em turmas como estagiário de Educação Física. Com isso, pude experimentar o que é estar sendo aluno no sistema remoto de ensino e também estar sendo regente deste mesmo ambiente virtual. Isso me fez superar diferentes circunstâncias no dia-a-dia (problemas pessoais, profissionais, tecnológicos) e também questões na área de atuação como professor: o uso de recursos digitais, o pouco/nenhum contato com os estudantes, e a busca de uma nova forma de realizar o processo de ensino-aprendizagem.

A construção dessa monografia foi importante para observar como aconteceram as idas e intervenções nas escolas, campos de estágio, durante a pandemia da Covid-19 nas disciplinas de ESO do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, além de registrar as como buscou-se solucionar os desafios encontrados e as possibilidades de ensino-aprendizagem.

A experiência nos ESOs, mesmo diante de adversidades, foi muito importante para constatar como nós, futuros professores da Educação Física, temos que enfrentar diferentes cenários educacionais e de como esse momento foi importante em nossa graduação.

Ainda não sabemos se já estamos no fim do período de pandemia, mas diante de um cenário motivador de volta de atividades e liberação de máscaras, podemos discutir e observar como a falta/atraso de gestão pública proporcionou cenários educacionais indignos para estudantes de escolas públicas e, embora estejamos tentando recuperar o tempo perdido, não sabemos ainda o impacto desses danos para o futuro de nossos estudantes.

Para tanto, temos as seguintes **questões norteadoras** da pesquisa: como a pandemia da Covid-19 alterou a dinâmica de ensino do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) na UFRPE do curso de Licenciatura em Educação Física? O ESO, durante a pandemia, oportunizou contribuições para o desenvolvimento dos futuros professores de Educação Física?

Como **objetivo geral** buscaremos explicar como os alunos da Licenciatura em Educação Física da UFRPE vivenciaram o ESO durante a pandemia do COVID-19 e que contribuições foram oportunizadas para o desenvolvimento dos futuros professores de Educação Física. Tendo como **objetivos específicos**:

- a) Refletir sobre as transformações provocadas pela pandemia de Covid-19 nas escolas campos de estágio;
- b) Descrever à partir das vivências à realidade das escolas campo de estágio durante o período da pandemia;
- c) Explicitar os desafios e as possibilidades encontradas pelos discentes nos diferentes períodos da disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório na UFRPE.

2. A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA

A educação nasce a partir da existência e evolução humana. O homem diferente de qualquer ser vivo, adapta a natureza a si e esse processo da adaptação humana é denominado trabalho. O trabalho envolve então toda essência humana: o ser humano para existir, precisa produzir continuamente, realizada através do trabalho, o ciclo da existência.

Em tempos antigos os homens atuavam pela sua existência sem diferenciação de classes, e é a partir desse momento que ocorrem os primeiros passos da educação, quando os meios de produção tornam-se um papel importante na terra ocorre a divisão dos homens em classes. Logo após essa fase começa a se construir aquilo que se entende hoje como escolas, porque até então tudo que se sabia (valores e conhecimento) era aprendido através da transmissão de pai para filho.

Posteriormente, "à medida que os agrupamentos humanos se tornam mais complexos, surgem organizações especificamente encarregadas da transmissão da herança cultural, como a escola" (ARANHA, 2006, p.50) resultando no entendimento de que só a educação em casa não era suficiente. As pessoas precisavam ter acesso ao novo, de mais conhecimento e com isso surgem os primeiros professores. Dotados de saber, esses profissionais eram exclusivamente contratados por famílias que possuíam melhores condições e eles organizavam suas aulas em espaços improvisados.

Esse panorama nos permite refletir que a educação nesse período era para poucos, apenas aqueles que não precisavam trabalhar para viver, se valiam de um acesso exclusivo a ela. Em contraponto, classes que precisam trabalhar para sobreviver não tinham condição de usufruir desta educação e acabavam por aprender com a realidade que se tinha, ocorrendo o processo de trabalho como "atividade consciente, com finalidade e intencionalidade de satisfação de suas necessidades, que torna um ser humanizado." (MARSIGLIA, 2011, p.5).

A função social da escola refletia muito aquilo que a classe dominante esperava para a sociedade. Logo, a escola era vista como "um mecanismo que adapta seus sujeitos à sociedade na qual estão inseridos" (MARSIGLIA, 2011, p. 7),

e isso durou algum tempo, visto que os interesses políticos e econômicos regiam a importância que a Educação teria na sociedade.

Posteriormente, percebemos que essa situação muda de figura com a acessão industrial. Era preciso formar pessoas capacitadas para assumir postos, transformando a educação em algo mecanicista, onde o papel era aprender a desempenhar funções tornando a escola uma produção de mão de obra, assim como temos visto, novamente, nos dias atuais.

O surgimento dessas Instituições abriu portas para novas reflexões sobre como as escolas deveriam funcionar e a qual público elas se dirigiriam. A organização dos currículos, a divisão das fases do ensino e as matérias a serem estudadas começaram a ser discutidas. Várias reflexões surgem nesse momento sobre o que ela realmente deveria construir no que diz respeito ao conhecimento/competência/valores, qual seria de fato a sua missão, quais práticas pedagógicas seriam ideais e ainda que tipo de espaço deveria ser esse.

Após séculos de progressão, a escola se tornou um espaço presencial de troca de saberes, dentro desse ambiente muito já foi discutido sobre uso de tecnologias, novas formas de ensinar e foram raros os momentos em que ela precisou fechar completamente. A pandemia de um vírus, que assolou o mundo, foi capaz de parar o planeta e escolas no mundo todo precisaram fechar por um tempo.

Como o processo ensino-aprendizagem se concretiza sem um espaço físico de aula? Esse foi o questionamento de diversas instituições, além de outras questões inerentes a esse momento como: saúde, vida, morte, desigualdade social, etc. Seria preciso mudar a forma como há anos a escola funcionava, abrindo-se as novas ferramentas digitais porque a escola estava vivendo um novo momento, em anos de pandemia ela teve que se “reinventar”. As tecnologias de informação e comunicação, que antes eram pouco presentes em sala de aula, passaram a ser aliadas no processo de ensino-aprendizagem e o desafio passou a tornar seus profissionais aptos a fazer bom uso dela.

2.1 A pandemia do Covid-19

O coronavírus surgiu, em 2019, com um número assustador de pessoas infectadas na China, na cidade de Wuhan, e que rapidamente se espalhou pelo continente asiático. As primeiras pessoas que começaram a estudar o que seria

esse fenômeno faleceram. Não se sabia de nada: como se infectaram, progressão da doença, taxa de transmissão, mortalidade, etc. Em pouco tempo, as autoridades se viram obrigadas a tomar providências, surgindo então o isolamento social, nesses países, como forma de conter o avanço do vírus que até então era desconhecido. O Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde (2020) divulgou uma nota sobre o histórico do vírus, notificando quando aconteceu o primeiro alerta sobre casos da doença na China.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. (OPAS, 2020)

Após esse alerta, muitos noticiários de TV e mídia social transmitiam imagens assustadoras do que estava acontecendo do outro lado do mundo (na China). A demora para que alguma atitude fosse tomada, como o fechamento do espaço aéreo, como forma de prevenção, deixava o mundo todo em apavorado. Muitos se questionavam sobre a possibilidade de que essa doença chegasse aqui no Brasil. Infelizmente isso foi possível e isso não tardou muito a acontecer.

Silva e França (2021) destacam que o mundo ocasionalmente enfrenta pandemias e que esta, da Covid-19, foi reconhecida em 11 de março de 2020. O termo técnico designado para o vírus foi SARS-CoV-2, nome dado oficialmente pelas autoridades em saúde para o novo Coronavírus, que é causado por um vírus altamente transmissível e potencialmente infeccioso em humanos que se originou de morcegos.

Nos registros do Ministério da Saúde constam que o primeiro caso detectado no Brasil ocorreu em 23 de janeiro de 2021, mas ainda nessa época parecia que a doença era inexistente em nosso país. A falta de um posicionamento do governo nacional e adoção de normas mais severas para entrada de viajantes no país fez com que rapidamente se alastrasse por todo território.

Diante dessa grande propagação do vírus, era preciso intervir urgentemente e algumas das medidas estabelecidas foram os fechamentos dos polos comerciais,

exceto os de urgência - emergenciais como farmácias, supermercados e hospitais; das instituições de ensino; “a restrição de viagens e circulação de pessoas, proibição de aglomerações, e o fechamento de estabelecimentos como cinemas, restaurantes, academias e locais de culto.” (SILVA et al, 2021, p.2).

Outras intervenções foram a limitação do fluxo de pessoas que poderiam habitar determinadas empresas e construção de hospitais de campanha para buscar desafogar as instituições médicas.

O certo é que durante cerca de dois anos vivemos inseguros, receosos e ao mesmo tempo esperançosos de que, em breve, isso pudesse cessar. Os maiores desejos eram que as pessoas pudessem retomar as suas atividades e que o contato/convívio interpessoal voltasse a existir.

Com certeza esse processo foi bem mais longo do que podíamos imaginar, e somente após as primeiras campanhas de vacinação para a população de jovens e adultos vislumbramos então a chance de recomeçar. A abertura para aulas presenciais nas escolas e universidades foi possível em 2021, bem como, de muitas empresas públicas e privadas, gerida por diversos protocolos de biossegurança.

Em 2022 vemos esse cenário de pandemia arrefecer, embora ainda existam casos da doença, são na maioria casos leves com baixo índice de mortalidade. Pela primeira vez, parece que a situação do Covid-19 foi controlada, graças às campanhas de vacinação.

2.2 A Escola e o Ensino Remoto

Em março de 2020, no Brasil, ocorreu a suspensão das aulas nos estados e municípios, nas redes pública e privada devido a propagação do vírus do Covid-19.

Diante deste contexto, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) autorizou a utilização de aulas online nas várias modalidades de ensino, cabendo às instituições a reorganização dos calendários e da dinâmica de dias letivos, algumas escolas optaram pela alteração do calendário de férias, como é o caso das escolas na cidade de Mari, na esperança que a pandemia fosse breve e pudéssemos voltar à normalidade no mês seguinte, no entanto, a realidade se estendeu mais do que o previsto e as escolas de todo o país tiveram que organizar seus calendários e suas aulas diante de uma realidade de tantas incertezas e preocupações.(SILVA, SILVA; 2020, p.3)

Uma questão que veio à tona nesse momento foi como a escola sobreviverá em tempos de pandemia? A situação que essas instituições enfrentaram, diante desse cenário pandêmico, mexeu diretamente com quem planeja, quem sonha,

quem constrói a educação. Pais, professores, gestores, secretários, estudantes e trabalhadores da educação em tempos de pandemia, deixamos de ser singulares para sermos múltiplos, assumindo não mais uma, agora duas, três ou todas essas funções mencionadas, porque a escola fechou.

Com os portões fechados, provas adiadas, férias antecipadas, prédio vazio, sem o corre-corre dos alunos nos corredores, o sinal da aula que terminou, o barulho na hora da largada, tudo se tornou silencioso, o medo tomou conta da sociedade. E agora o que será da escola? Questionamos, sem certeza do amanhã. Fomos sobrevivendo um dia após o outro, lockdown após lockdown até que um sinal verde soou: pudemos voltar, porém a realidade teria que ser diferente e o diferente assusta.

As aulas remotas foram então a única solução de não manter congelado o processo de escolarização porque educação é um processo que não parou com as aulas. Ele é contínuo, não cessa nunca. A escolarização, sim, precisou mudar de endereço, contar o apoio do pai, mãe, tio, irmão, avó e qualquer um que pudesse, junto com o professor, se desdobrar para a continuidade do processo ensino-aprendizagem escolar.

O fato é que essa crise que vivemos veio escancarar como um professor é importante na sociedade, como esse profissional deveria ser mais valorizado e, ao mesmo tempo em que a pandemia possibilitou enaltecer o seu trabalho, gerou uma sobrecarga de trabalho para o professor.

Aos professores sobrou a opção de se arriscar para ir a escola fazer suas aulas on-line, pois não tinha recursos e nem internet para tal, ou transformar a casa em escola. Arrumar espaço, por as coisas em ordem, contratar serviços de internet, comprar equipamentos, mas quem pagou por isso no fim? Aos pais a expressão é viver no limite: limite do stress, da sobrecarga, do medo do futuro, com o emocional abalado, assumindo ainda mais responsabilidades, dar mais atenção, descanso nem pensar. Aos gestores, encontrar meios de sobreviver financeiramente, gerenciar turmas em aplicativos, gerenciar mídias sociais, longas reuniões para se discutir a evasão, a falta de oportunidades dos alunos, repasse de equipamentos, entre outras questões.

Algumas escolas com mais poder econômico conseguiram continuar as aulas implantando o sistema de ensino remoto assim que as aulas foram suspensas,

outras após o período de “férias” e algumas escolas públicas permaneceram com aulas suspensas até o fim do ano de 2020 e começo de 2021.

Assim começamos a viver uma situação intrigante nas escolas brasileiras

em que o uso do computador (ou celular) e da internet se tornaram fundamentais para o cotidiano escolar, a sala de aula foi substituída pelas salas virtuais, a presença física deu espaço a imagem em telas, o contato humano trocado pelas vídeo conferências ou vídeoaulas. Tudo isso sem que as escolas, alunos e professores pudessem se preparar. (SILVA; SILVA, 2020, p. 4)

A internet tão discutida ao longo dos anos pela escola e uso de aparelhos eletrônicos tão polêmicos em sala de aula, tornou-se o escape para que o sistema de escolarização pudesse acontecer. Só que com isso surgiram novos problemas, pois nem todos tem acesso a internet, ou tem em mãos algum aparelho eletrônico que os ajude nos estudos e ainda, como fazer uso desses dispositivos, ferramentas, aparelhos para dar e assistir aula?

A PNAD Contínua - Tecnologias da Informação e da Comunicação de 2018, divulgada pelo IBGE, no ano de 2020, mostra que uma em 4 pessoas no Brasil não tinham acesso à internet. Desse modo, 25,3% ainda não possuíam esse acesso. Em zona urbana, é de 20,6% e em zona rural é de 53,5%. Metade dos que não têm acesso (41,6%) dizem que a razão de não acessar é o não saber usar. Os celulares são o principal meio de acesso (97%) e 56,6% possuem computador.

Além disso, "a invasão das escolas nas casas traz à nossa consideração a importância, não apenas do cognitivo, mas da convivência socializadora como lugar de aprendizado das regras do jogo democrático, da tolerância e aceitação das diferenças" (CURY, 2020, p.14). Surgem vários desafios nesse processo, o de aprender a usar a tecnologia, a permanência das horas de atividades escolares e a dispersão durante a conexão por celulares ou computadores.

Os estudantes tiveram que preparar todo um espaço para estudar em casa, aqueles que eram dependentes e tinham que ter o apoio dos pais ou responsáveis para acompanhar as aulas on-line sejam síncronas ou assíncronas e realizar atividades. Os lares que agora se tornaram escolas, revelam a importância da figura e do valor profissional do professor, da professora. Ficam evidentes os limites de um ensino domiciliar pelos pais, tutores ou cuidadores que não foram preparados para tal situação.

Já os professores tiveram que se reinventar, replanejar e enfrentar um ambiente de ensino-aprendizagem talvez nunca imaginado: o espaço virtual.

os docentes passam, então, a lidar com o imprevisível, vivenciando, medos, angústias e temores em seu cotidiano, tendo que (re)aprender seu ofício e (re)inventar suas formas de ensinar. Escolas e os docentes são orientados pelos órgãos gestores da educação a oferecer atividades pedagógicas para possibilitar a continuidade do ano letivo a partir do uso das diferentes tecnologias digitais, sem que sejam dadas condições objetivas e materiais para a implementação, com qualidade, das ações didático-pedagógicas” (FREITAS et al, 2020 , p.91)

Um dos grandes pontos dessa questão é que os docentes nem sempre contaram com o apoio de cursos de capacitação e tiveram que aprender sozinhos ou com ajuda de alguém, sendo raras as exceções. Esse cenário de tensão gerou diferentes indagações

como a escola se organizará para dar conta de sua função socializadora em um período em que ocorre uma transição das atividades letivas presenciais para aulas não presenciais, trazendo inquietações e desafios não somente para as instituições educativas, mas igualmente para os professores, estudantes e suas famílias? Quanto aos professores, como esses têm se preparado para realizar os planejamentos e as práticas pedagógicas no chamado ensino remoto? Como os estudantes serão avaliados? Até que ponto os professores estão preparados para fazer a mediação dos conteúdos escolares e conduzir atividades pedagógicas utilizando diferentes mídias em plataformas on-line? As escolas e os professores dispõem de recursos tecnológicos, infraestrutura para a implementação do ensino remoto emergencial de qualidade? (FREITAS et al, 2020, p.97-98)

Alguns outros questionamentos ainda são válidos e a respostas para a maioria dessas perguntas foram sendo respondidas à medida em que vinham sendo colocadas à prova; sendo testadas, estudadas, experimentadas. Alguns professores tiveram a grande oportunidade de receberem capacitação para manusear ferramentas digitais, equipamentos - o que não significa que tenham feito deles experientes no assunto.

No ano de 2021 esperava-se uma melhora, mas a pandemia não só continuou como piorou, aulas de algumas modalidades de ensino que haviam voltado tiveram que ser suspensas de acordo com decretos Estaduais.

Depois de quase dois anos de pandemia, algumas mudanças foram observadas no cenário educacional. As aulas presenciais já eram uma realidade, pois algumas escolas já vinham realizando o retorno, mesmo que colocasse em risco a vida de alunos e professores, porque ainda não haviam vacinas para todos.

A realidade dos Estágios Supervisionados na UFRPE entre 2020 e 2022: é que o primeiro ESO - iniciado em primeiro semestre de 2021- foi realizado em

escolas públicas que estavam iniciando o sistema remoto de ensino, as particulares já estavam com aulas presenciais; já durante o seguinte - no segundo semestre de 2021- houve um grande avanço na vacinação sobretudo acima de 12 anos, porém a UFRPE decidiu que as aulas permaneceriam remotas, nesse momento algumas escolas públicas já estavam voltando com o sistema presencial e outras permaneceram remotas até o fim do ano.

O retrabalho era presente, pois o replanejamento do semestre letivo deveria seguir regras e protocolos de biossegurança da forma que era possível para as escolas com aulas presenciais, já as de ensino remoto, ele acontecia ao repensar como aplicar conteúdos práticos de forma virtual e tentando não sobrecarregar os estudantes com inúmeras atividades.

A realidade da escola em tempos de pandemia era de que muitos tinham aulas com o celular na palma da mão e outros nem celular tinham, alguns tinham aulas presenciais e outros nem aula tinham. A falta que faz os alunos em sala, a troca de informações, poder vê-los, poder dividir momentos juntos, seguir protocolos e replanejar.

Talvez agora, o legado da pandemia sejam professores mais dinâmicos, didáticos; alunos que apreciem mais o espaço escolar e a relação professor/aluno e aluno/aluno; pais que acompanhem mais de perto a vida estudantil. Ficou evidente, durante este período, a importância que a escola, como espaço físico de interação, troca e desenvolvimento de conhecimentos, tem na sociedade.

2.3 O papel do professor em tempos de pandemia

O professor é exerce um trabalho que vai além da transmissão de conteúdos, já que muitas vezes se ensina sobre a vida, desconstrói-se atitudes prejudiciais e constrói-se novas maneiras de (re)agir, pois educar é antes de tudo “um ato de afeto, de doação daquilo que se tem de melhor e, principalmente, de transmissão de valores” (ANDRADE, 2014, p.40).

Todo professor deve, portanto, conhecer seu público alvo: suas características, talentos, aptidões, receios, marcas, etc culturalmente adquiridos através do convívio desde a mais tenra idade com a sociedade. Assim, "o educador, como um parceiro mais experiente, é aquele que faz a mediação da criança com o

mundo de forma intencional, buscando as máximas possibilidades de desenvolvimento do indivíduo” (MARSIGLIA, 2011, p.36).

A didática vem auxiliar o professor no esclarecimento de que:

o trabalho docente é uma atividade conjunta entre professor e alunos, onde o primeiro planeja, organiza, dirige e controla o ensino, tendo em vista a atividade dos alunos; que o principal fator de ensino é a contradição entre as tarefas teóricas e práticas do ensino e nível de conhecimentos, hábitos e capacidades dos alunos em função da idade; que o ensino deve ter como ponto de partida e ponto de chegada a atividade prática dos alunos no seu cotidiano, no trabalho, na sociedade (...) (GHIRALDELLI, 1991, p.12).

Almeida (2002) afirma que para além dessa relação o professor, ao planejar suas aulas, deve estar ancorado na proposta pedagógica do estabelecimento de ensino, que norteiam o paradigma de educação assumido pela instituição, bem como o regimento escolar, a filosofia da escola e demais elementos teóricos e metodológicos. Dessa forma deve-se objetivar que a prática educativa atenda ao nível de desenvolvimento do sujeito sendo consistente e humanizadora.

Sendo assim, o planejamento das aulas é uma etapa importante do processo de ensino-aprendizagem, ele é o plano do professor para a docência e “é uma das formas de transformar a escola que temos em direção a escola que queremos.” (MARTINS; MARSIGLIA, 2015, p.16). O professor que planeja “pensa nas habilidades que os estudantes precisam desenvolver, as dificuldades que necessitam superar e em que ponto devem avançar”. (ANDRADE, 2014, p.24). No que concerne a Educação Infantil “o eixo articulador do planejamento se realiza na *triade destinatário-conteúdo-forma* (...)” (MARTINS; MARSIGLIA, 2015, p.19).

Nesse período de pandemia muitos profissionais que tinham seus planejamentos em dia tiveram que lidar com uma situação inusitada: a necessidade de atender aos estudantes por meio de aulas remotas.

Todas essas mudanças na vida da sociedade brasileira impactaram sobremaneira a área educacional, exigindo orientações para contornar o problema da suspensão das aulas presenciais e garantir a retomada do atendimento aos alunos por via alternativa, no caso presente, por meio do ensino remoto, impondo aos professores outra forma de desenvolver seu fazer pedagógico. (FREITAS et al, 2020, p.102)

Os professores passam a trabalhar em casa tendo que conciliar os cuidados do espaço, família com o fazer docente, sendo portanto este local um espaço não apropriado para ministrar aulas, e utilizando-se de recursos custeados dos seus

próprios bolsos (computador, internet, energia). Além disso, os profissionais da educação passam a trabalhar mais no mesmo tempo de que antes dispunham. Pois além de preparar as aulas adaptando a um modelo virtual, orientavam os pais para o acompanhamentos das atividades dos estudantes, reuniões virtuais, e se reciclavam para aprender a fazer uso de diferentes aplicativos, sites e ferramentas digitais de modo a oportunizar a aprendizagem dos alunos.

No segundo semestre do ano letivo de 2021, algumas escolas funcionam no modelo híbrido de ensino, o que dificultou ainda mais a vida dos professores devido ao retrabalho de planejar um conteúdo para ambas as formas.

Refletimos com isso que, o professor em tempos de pandemia foi um profissional sobrecarregado com um acúmulo de funções e tarefas, que dividia seu espaço particular com os estudantes e privava-se do conforto, do lazer e de ter tempo até para investir na sua formação. Além disso, foi um sujeito que se preocupava com protocolos, ensinando e fazendo aplicar novas regras de convivência no espaço institucional.

2.4 O uso de ferramentas digitais na prática pedagógica

Durante a graduação refletimos se uma aula precisa ser atraente e cativante ou precisa cumprir apenas seu objetivo? A relação professor/aluno é importante ou o que importa é o aluno compreender o que foi proposto? Aprendemos melhor quando temos uma admiração pelo nosso professor? Então como estreitar os laços com os estudantes mesmo em modelos remotos? Será que o uso de diferentes ferramentas digitais torna uma aula cativante e atraente? Acredite que até site para isso foi usado nas aulas remotas.

É estarrecedor a quantidade de recursos digitais que temos disponível, via internet, e nem nos damos conta até que venha calhar de precisarmos viver em mundo virtual de ensino e fazer uso de alternativas para auxiliar o processo de ensino/aprendizagem em uma realidade tão distante.

O contato com os alunos nas aulas remotas, se deu muitas vezes por uma ferramenta chamada *Google Classroom* e essas aulas muitas vezes eram

impessoais e distantes. Nem sempre tinham câmeras ligadas, mãos levantadas e se quer podíamos escutá-los. Sabemos que o cenário educacional do Brasil enfrenta muitas dificuldades, basta pesquisar e comprovar o quanto de literaturas não existem sobre tornar as atividades mais didáticas, lúdicas, cativantes.

Ora se no próprio modelo presencial, onde temos a oportunidade de vê-los e ouvi-los, encontramos desafios quem dirá escondidos atrás de um aparelho eletrônico. Pensando nisso, algumas escolas disponibilizaram capacitações a seus profissionais para manuseio de plataformas de ensino e recursos digitais e quando isso não foi possível o professor teve que fazer o que deveria saber realizar de melhor - pesquisar.

A ação didático-pedagógica requer toda uma preparação tanto da escola, quanto dos professores, no sentido de buscar metodologias específicas e adoção de ferramentas digitais que possibilitem aprendizagens significativas, de modo a evitar efeitos perversos no rendimento escolar dos estudantes. Isso implica, necessariamente, investimentos a serem implementados na formação adequada dos profissionais, no planejamento institucional e pedagógico, em materiais e recursos didáticos apropriados (FREITAS et al, 2020, p.101)

Esse foi um dos grandes desafios para os professores e estudantes, pois muitos se sentiam limitados tecnologicamente. Aprendemos juntos a manusear ferramentas e plataformas de ensino. Sem dúvidas o uso de recursos digitais são muito úteis e tornam a aula mais cativante e atraente, e isso requer o domínio de suas funcionalidades, através de uma boa conexão de internet.

Alguns recursos digitais super interessantes para o espaço virtual, são: a lousa digital, o Kahoot, os vídeos de streamings, mas para utilizá-los precisamos conhecê-los e ter um bom equipamento e uma boa conexão de internet para reproduzi-los. Em alguns casos o uso desses recursos, de forma on-line, requer comprar um pacote para que você tenha acesso a outras ferramentas e tudo isso saiu do bolso do professor.

Para tanto era preciso se preparar para o uso dos recursos digitais e, sobretudo, para o fato do que foi planejado não dar certo. Repensar a prática no ambiente remoto também é importante: a aula foi cativante e atraente? Houve participação? Será que esses recursos estão sendo bem aplicados, auxiliando a atingir os objetivos previstos para a aula?

Assim como os professores formados, dando aulas remotas, os estudantes de licenciatura, em plena formação, não foram preparados para dar aulas remotas (assíncronas ou síncronas); não tiveram capacitações para aprender a mexer com recursos digitais e aplicá-los em intervenções, todo esse processo foi novo e avassalador.

2.5 A Educação Física em tempos de Pandemia

A Educação Física já passou por diferentes cenários educacionais desde sua inclusão nas escolas como uma disciplina obrigatória. Ela sempre esteve relacionada ao contexto sócio-histórico-cultural da humanidade. Ao longo do tempo ela acompanhou a forma de como vivemos, nos relacionamos uns com os outros, entendemos o corpo e desenvolvemos métodos para alcançar um estilo de vida saudável.

A EF ocupa hoje uma posição de destaque na sociedade, graças as grandes movimentações históricas e culturais acontecidas, tornando-se uma profissão, uma disciplina e uma prática difundida com objetivos cada vez mais definidos e específicos. O seu acesso passa a ser proporcionado em escala mais democrática para a população dependendo da época em que se encontrasse as relações coletivas e sociais. Algumas vezes essa inserção era independente de classe social, idade, condição física, cor, religião, opção sexual ou alguma deficiência física, motora ou mental (NETO et al, 2019, p.2)

Dentro desse contexto histórico ao qual esteve relacionada foram raras as vezes em que os estudantes tiveram suas atividades presenciais suspensas. O ano de 2020 trouxe consigo a pandemia do Covid-19 que provocou crises sanitárias no Brasil e no mundo, das quais não estávamos preparados para enfrentar.

O contato humano era algo ameaçador, visto que o coronavírus é uma doença respiratória mortal de alta propagação. Diante disso, foi necessário que estados e municípios adotassem medidas geridas pela Organização Nacional de Saúde e Ministério da Saúde do Brasil. Dentre tais medidas, estavam o distanciamento social, uso de máscaras e o fechamento, em meados de março de 2020, de atividades presenciais em instituições de ensino.

A partir da Medida Provisória 934 do Ministério da Educação, que “estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência

de saúde” (Lei nº 14.040 de 18/08/2020), as escolas deram continuidade ao ensino de forma remota.

Nesse contexto, cada estado e município se organizou de formas diferentes, as escolas privadas que dispõem de mais recursos montaram plataformas de ensino e capacitação de professores para manuseá-las. Já as escolas públicas e municipais ficaram à disposição de recursos destinados pelos estados para iniciação das aulas on-line, plataformas de ensino gratuitas pela web, redes sociais ou serviços de streaming.

Sobre como os saberes chegaram aos alunos, sobressai o uso das tecnologias de informação e de comunicação. A primeira ferramenta foi o aplicativo de rede social WhatsApp, muito utilizado, tanto para envio dos materiais, quanto para comunicação e dúvidas. Além desse, destacam-se a página da rede social Facebook das escolas, os websites das escolas, o aplicativo Instagram, os provedores de e-mail e as plataformas, como Google Meet, Google Classroom, Zoom, Skype e outras. Ainda outro meio foi a entrega e retirada de materiais pelos alunos: os alunos ou suas famílias vão até a escola, retiram materiais desenvolvidos pelos professores, levam para casa e fazem as tarefas. (MACHADO et al, 2020, p.8)

O Ensino Remoto Emergencial, como foi chamado, foi a alternativa utilizada pelas escolas para que as aulas pudessem continuar e se baseia no uso de tecnologias fazendo uma mescla de atividades, nas quais foram consideradas de

atividades síncronas e assíncronas, onde nas síncronas acontece, em tempo real e on-line, a interação entre participantes (professores, tutores e alunos), e assíncronas, onde o aluno tem liberdade para acessar os materiais e atividades em horários flexíveis para conclusão das tarefas, sem necessidade de alunos e professores estarem conectados ao mesmo tempo. (SILVA et al, 2021, p. 3)

A realidade social do Brasil ficou escancarada no contexto escolar de aulas remotas, uma vez que muitos estudantes sequer tinham acesso a internet ou aparelhos eletrônicos e foi preciso programas de governo que buscassem atender os estudantes com maior vulnerabilidade. Embora a tecnologia fosse a saída para o momento de pandemia no contexto escolar ela ainda é um privilégio de uma camada restrita da população brasileira.

Essa foi uma alternativa muito pertinente para que os estudos nas Instituições de Ensino prosseguissem. Algumas Instituições privadas conseguiram dar segmento a propostas remotas de forma mais rápida, já as públicas e municipais tiveram um vasto tempo para conseguirem se planejar e fazer com que essa proposta de aula pudesse acontecer.

A Educação Física é um componente curricular que faz uso de diferentes práticas corporais, a fim de enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural.

Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (BRASIL, 2018, p.213).

Era de se esperar que as disciplinas mais práticas seriam as mais prejudicadas, pois necessitam de laboratório, de um espaço adequado, da supervisão profissional, etc; a Educação Física é uma delas. Seria preciso pensar em estratégias de ensino que priorizasse o aprendizado dos estudantes, respeitando o momento de crise que estavam vivenciando e buscando práticas qualificadas, mesmo diante desse contexto inédito.

Uma pesquisa realizada por Martins, et al (2022) que buscou verificar a situação das aulas de Educação Física escolar no contexto da pandemia de COVID-19, aponta que em grande parte das escolas do Brasil, as aulas de Educação Física foram oportunizadas por meio de grupos de WhatsApp e que o Youtube foi um recurso pedagógico amplamente utilizado como material de apoio. Eles ainda evidenciam que a adesão dos alunos nas aulas de Educação Física no ensino emergencial remoto em todo o País estava longe do ideal.

Na maioria dos casos o conteúdo programático de EF continuou sendo seguido, em suas unidades temáticas, porém o que modificou foi a forma de como eles deveriam ser tratados e vivenciados diante das circunstâncias.

O estudo de Machado et al (2020) sobre as possibilidades de ensino para a disciplina de Educação Física, no Rio Grande do Sul, alegam que para iniciar os conteúdos os professores propuseram, levar saberes conceituais aos seus alunos. Com o desenrolar das aulas remotas, eles conduziam saberes corporais, ensinando a execução de procedimentos e provocando os estudantes a se movimentarem, seja realizando um jogo, brincadeira, dança, ginástica, luta ou algum fundamento dos esportes.

A Educação Física durante a pandemia do Covid-19 também fez uso de opções metodológicas distintas como o envio de materiais de leitura – digitais ou

impressos, atividades de análise e reflexão sobre esses textos e indicação de vídeos, produção de videoaulas, realização de aulas síncronas, organização de salas de debate, proposta e execução de diferentes movimentos referentes a práticas corporais.

Lógico que não foi esse cenário que grande parte dos estudantes desfrutaram durante as aulas remotas e que funcionaram em todos os estados do País, mas que em algumas escolas foi possível encontrar. Talvez tenha sido esse um dos momentos mais desafiadores que a Educação Física tenha vivido, no contexto escolar.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa se propôs a investigar a realidade da dinâmica de ensino do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, durante a pandemia da Covid-19, e as possibilidades que o estágio oportunizou para o desenvolvimento dos graduandos como futuros professores de Educação Física.

Os processos metodológicos usados para responder tais questões basearam-se em um estudo de cunho quanti-qualitativo, no qual faz uso tanto de métodos qualitativos quanto quantitativos, para a realização de uma análise aprofundada sobre o tema pesquisado.

Apesar das pesquisas quantitativas e qualitativas serem normalmente estudadas de forma separada, elas podem se complementar. As pesquisas qualitativas trabalham

com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2007, p.21)

Os procedimentos de coleta dos dados desta pesquisa aconteceram em três momentos:

1) o primeiro através de uma revisão bibliográfica, mediante análise de publicações periódicas e artigos científicos no Portal CAPES/MEC, buscando estudos referentes à formação de professores, em especial, sobre os estágios supervisionados, durante a pandemia.

Buscando embasamento teórico para essa pesquisa, esse tópico irá apresentar as produções mais significativas que envolvam os seguintes termos de busca: Educação Física, Ensino Remoto e Estágio Supervisionado. Além disso iremos observar se existem produções que trazem reflexões sobre a formação de professores de Educação Física, por meio de estágios supervisionados, durante a pandemia, buscando investigar se a pandemia de Covid 19 influenciou a prática desses estágios. Assim, para a revisão bibliográfica usamos os referidos termos de

busca “Ensino Remoto”, “Educação Física” e “Estágio Supervisionado” encontramos 153 (cento e cinquenta e três) artigos, nos quais 11 (onze) foram analisados e serviram de base para esta produção. A grande maioria envolve mais os termos “ensino remoto” e “Educação Física” tendo apenas um artigo ligado à formação de professores (ESO).

Em grande maioria, esses artigos tratam de relatos de experiências vivenciados na disciplina de Educação Física durante o período de Pandemia da Covid-19, como também observações mediante pesquisas quali-quantitativas e entrevistas.

ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO
2020	Machado, Roseli Belmonte ; Fonseca, Denise Grosso da ; Medeiros, Francine Muniz ; Fernandes, Nícolas	Educação Física Escolar em tempos de distanciamento social: Panorama, desafios e enfrentamentos curriculares
2020	Godoi, Marcos ; Kawashima, Larissa Beraldo ; Gomes, Luciane De Almeida	Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19
2021	Silva, Juliana Daniele de Araújo ; França, Tereza Luiza de	A Educação Física no modelo remoto em face à pandemia da COVID-19: reflexões de estudantes e professores sobre o ensino-aprendizagem
2021	Silva, Patrícia da Rosa Louzada da ; Schild, Patrícia Silva Yuk ; Giusti, João Gilberto Mattos ; Pinheiro, Eraldo dos Santos	Educação física e suas possibilidades no ensino remoto: relato de uma escola privada
2021	Spies, Márcia Franciele ; De Sousa e Silva, Cielle Amanda ; Giovanetti Gomes, Geisan Munique ; De Lima, Mariza Antunes ; Gasparotto, Guilherme da Silva	Aspectos relacionados à atuação de professores/as de educação física durante o ensino remoto na pandemia da Covid-19
2021	Silva, Juliana Daniele de Araújo ; Silva, Júlia Carolina Lopes ; Maranhão, Diógenes Cândido Mendes ; De França, Tereza Luiza	Principais dificuldades do ensino remoto e uso de tecnologias no ensino- aprendizagem de estudantes de Educação Física durante a pandemia da COVID-19
2021	Miragem, Antônio Azambuja ; Almeida, Luciano De	Potencialidades e limitações da Educação Física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular

2021	Ferreira Júnior, José Antonio da Silva; Vaz, Letícia Corrêa; Souza, Mauren Assis de	Educação Física e Ensino Remoto Emergencial: Percepções de Diferentes Sujeitos
2022	Leite, Leilane Shamara Guedes Pereira ; Costa, Alan Queiroz da ; Oliveira, Marcio Romeu Ribas de ; Araújo, Allyson Carvalho de	O ensino remoto de Educação Física em narrativa: entre rupturas e aprendizados na experiência com a tecnologia
2022	Franciele Roos da Silva Ilha; Fabiana Celente Montiel; Fabiane de Oliveira Schellin; Deborah Kazimoto Alves; Mariângela da Rosa Afonso	Experiências e percepções compartilhadas no Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física no Ensino Médio em tempos de pandemia
2022	Raphaell Moreira Martins; José Ribamar Ferreira Júnior; Pedro Henrique Silvestre Nogueira; José Airton de Freitas Pontes Júnior	A prática pedagógica da educação física no Brasil no período de pandemia de COVID-19

O artigo de Machado et al (2020) intitulado de **“Educação Física Escolar em tempos de distanciamento social: Panorama, desafios e enfrentamentos curriculares”** tem como objetivo compreender o modo como a Educação Física, no Rio Grande do Sul, tem se posicionado no cenário das aulas remotas. Para tanto foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa com professores que atuam em escolas do Rio Grande do Sul e estão trabalhando com Educação Física pelo ensino remoto. O instrumento foi um questionário com 20 perguntas enviado por e-mail. Foi possível concluir que a Educação Física acompanhou as atividades produzidas pelas escolas, identificando alterações na forma de condução e ressaltamos os desafios do trabalho dos docentes e seus efeitos no currículo.

Godoi e Gomes (2020) discorrem em **“Temos que nos reinventar: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19”** que durante o cenário de rápida transformação e de alta incerteza provocado pela pandemia de Covid-19, foram instigados a pesquisar e identificar os desafios e as aprendizagens dos professores de Educação Física relacionadas ao ensino remoto. Para isso, foi realizado um grupo focal com cinco professores de escolas particulares. Eles fizeram um levantamento dos desafios enfrentados pelos docentes e a relação com as aprendizagens.

O objetivo do artigo de Silva e França (2021) **A Educação Física no modelo**

remoto em face à pandemia da COVID-19: reflexões de estudantes e professores sobre o ensino-aprendizagem foi descrever e analisar as opiniões de estudantes e professores da graduação em Educação Física sobre as suas vivências no primeiro semestre de Ensino Remoto Emergencial e implicações no ensino-aprendizagem. Tratou-se de uma pesquisa descritiva quali-quantitativa com delineamento transversal. Para isso, as autoras realizam uma pesquisa por questionário e uma análise de conteúdo das reflexões apontadas por 48 discentes e 6 docentes. Nesta pesquisa observaram que alguns benefícios como retomada das atividades de forma flexível, sem custos com locomoção e à facilidade das tecnologias e promoção de novas habilidades e metodologias educacionais.

Silva, et al (2021) descreve em **“Educação física e suas possibilidades no ensino remoto: relato de uma escola privada”** uma experiência vivenciada, por meio da plataforma virtual, pelo componente curricular da Educação Física, em uma escola privada de Pelotas. O relato de experiência de natureza qualitativa foi desenvolvido a partir das experiências pedagógicas de duas professoras de Educação Física, regentes das turmas de primeiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental I, em uma escola privada, que atende cerca de 1000 alunos/as desde a educação infantil até o ensino médio.

Em **“Aspectos relacionados à atuação de professores/as de educação física durante o ensino remoto na pandemia da Covid-19”**, desenvolvido por Spies, et al (2021) buscou-se verificar a relação da idade e rede de ensino em que o/a professor/a lecionar com fatores associados à Educação Física escolar no período de ensino remoto, durante a pandemia da COVID 19. O estudo caracterizou-se como pesquisa quantitativa, com delineamento correlacional e descritivo. Para a coleta de informações foi utilizado um questionário semiaberto.

Silva, et al (2021) intitulado **Principais dificuldades do ensino remoto e uso de tecnologias no ensino- aprendizagem de estudantes de Educação Física durante a pandemia da COVID-19** identificaram e discutiram as principais dificuldades do ensino remoto e uso de tecnologias, em face à pandemia da COVID-19, no ensino-aprendizagem do curso superior de Educação Física através de críticas apontadas por graduandos. Nesta pesquisa descritiva quali-quantitativa feita no segundo semestre de 2020, através de um questionário on-line, foram coletadas as percepções de 26 estudantes sobre os principais pontos negativos

vivenciados e/ou identificados no primeiro semestre de implementação do ensino remoto.

Miragem e Almeida (2021) no ensaio **“Potencialidades e limitações da Educação Física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular”** trazem uma reflexão teórico-conceitual sobre as possibilidades de enfrentamentos realizados pela Educação Física Escolar nesse período de ensino remoto. Os autores concluíram que, para além do objeto, as intencionalidades pedagógicas e o conjunto “como, quando e onde ensinar” são questões indissociáveis que exigem o nosso protagonismo enquanto docentes da/na condição do ensino remoto. Disso é fundamental a compreensão de que não há possibilidade de substituição do tempo e espaço aula e que este é condição elementar da experiência.

O artigo de Ferreira, Vaz e Souza (2021) intitulado de **“Educação Física e Ensino Remoto Emergencial: Percepções de Diferentes Sujeitos”** investigou percepções e impressões de diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da EF escolar frente ao ensino remoto emergencial. A coleta de dados ocorreu através de questionário de caráter misto com dez questões entre abertas e fechadas, aplicadas de forma virtual.

Leite, et al (2022), no artigo **“O ensino remoto de Educação Física em narrativa: entre rupturas e aprendizados na experiência com a tecnologia”** problematiza a vivência pedagógica de uma professora de Educação Física da rede estadual de ensino durante a pandemia de covid-19. A partir dos estudos narrativos, dos casos pedagógicos e suas contribuições para formação docente obtiveram resultados como sentimento de incompetência para lidar com plataformas digitais, o apoio de uma rede de colaboração por pares, a urgência do “como utilizar ferramentas tecnológicas” e, em segundo plano, “o que ensinar”.

O artigo **“Experiências e percepções compartilhadas no Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física no Ensino Médio em tempos de pandemia”** de Ilha (2022), trata-se de um relato de experiência produzido coletivamente por duas docentes da Universidade Federal de Pelotas, atuantes no curso de Licenciatura em Educação Física.

Martins et al (2022) no artigo intitulado **A prática pedagógica da Educação Física no Brasil no período de pandemia de COVID-19**, verificaram a situação das aulas de Educação Física escolar no contexto da pandemia de COVID-19 na

perspectiva da prática pedagógica dos professores de Educação Física. a pesquisa aconteceu por meio de um questionário, que contou com 439 participações.

As abordagens de pesquisa utilizadas, mediante análise dos artigos, constam 6 (seis) pesquisas qualitativas, 2 (duas) quantitativas e 3 (três) quali-quantitativas. Apenas 1 (um) estudo discorre sobre a formação de professores durante o período de pandemia, este estudo é o de Ilha (2022) que é um relato de experiência produzido coletivamente por duas docentes da Universidade Federal de Pelotas, atuantes no curso de Licenciatura em Educação Física, uma acadêmica desse mesmo curso e duas docentes de Educação Física do IFSul/Pelotas.

Os resultados que as autoras obtiveram mostraram algumas limitações que permearam o processo, como a não realização de atividades práticas nas aulas de Educação Física, a restrita participação dos/as estagiários/as nas aulas síncronas durante o estágio. Também foi possível notar uma maior dedicação dos/as estagiários/as no estudo dos conhecimentos da Educação Física para ministrar aulas, ampliando a visão sobre a própria área e componente curricular da escola. Elas também ressaltaram que o trabalho de supervisão foi exaltado como fator primordial para a realização do estágio.

Os outros artigos propõem pesquisas através de questionários, entrevistas e narrativas que buscam traçar os desafios e possibilidades de diferentes sujeitos diante de aulas remotas ou no contexto de pandemia, bem como de observar como aconteceu a prática pedagógica da Educação neste período.

Conclui-se que a narrativa dessas pesquisas nos mostram que o ensino de Educação Física de forma remota foi uma alternativa possível, porém muitas dificuldades também foram relatadas como: acesso a internet, demanda de atividades, manuseio de aplicativos e recursos didáticos para aulas on-line, e a ausência de atividades práticas, dentre outros.

No que concerne a pesquisa exploratória, identificamos que o tema tem sido pouco pesquisado no ensino da Educação Física, em especial, a prática do Estágio Supervisionado Obrigatório da UFRPE durante a pandemia. Diferentemente da pesquisa anterior, essa apresenta uma análise quantitativa realizada “fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular” (MINAYO, 2007, p.26).

2) O segundo momento ocorreu por intermédio de um questionário composto por 8 (oito) questões fechadas, elaborado na plataforma Google Forms e aplicado a estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE que participaram da disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório durante o período de 2021.1 a 2022.1. Realizamos assim, o uso de coleta de dados sólidos e quantificáveis, caracterizada por abordagem exploratória e descritiva, que tem como objetivo investigar as percepções e impressões de diferentes sujeitos envolvidos no processo de vivência do Estágio Supervisionado da UFRPE na Licenciatura em Educação Física durante a pandemia da COVID-19 e da relevância desse momento para suas formações profissionais.

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p.46)

3) No terceiro momento foi realizado o relato de experiência do pesquisador através da exposição de uma síntese da realidade e possibilidades da prática da Educação Física durante a pandemia em 3 (três) ESOs, a partir de situações vivenciadas durante os ESOS na UFRPE, pontuando os desafios e possibilidades que encontramos nesses percursos de formação profissional.

As abordagens quantitativa e qualitativa embora tenham características diferentes, quando associadas podem contribuir para uma compreensão mais ampla acerca de um fenômeno. A modalidade de pesquisa quali-quantitativa “interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)” (KNECHTEL, 2014, p. 106).

4. UMA SÍNTESE DAS REALIDADES E POSSIBILIDADES ENCONTRADAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DURANTE A PANDEMIA

As atividades do estágio supervisionado na UFRPE foram redimensionadas e adequadas para o formato remoto tornando possível a sua oferta. O ESO remoto iniciou em abril de 2021 e durou até dezembro do mesmo ano. Já no início de 2022 o Estágio Supervisionado, ainda em período de pandemia, já podia ser realizado de forma presencial seguindo protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde.

Neste capítulo serão apresentados uma síntese das realidades encontradas ao longo do Estágio Supervisionado Obrigatório de Licenciatura em Educação Física da UFRPE durante o período de pandemia da COVID-19, assim como as possibilidades que supervisores e educandos encontraram para que o processo de formação continuasse.

Portanto, no primeiro ESO do qual participei, já foi possível observar o quanto a pandemia modificou a forma como nós, estudantes de graduação da UFRPE deveríamos vivenciar a experiência de regências em escolas através do Estágio Supervisionado Obrigatório. Logo de imediato a sensação de frustração foi evidente, uma vez que não tivemos acesso à escola, aos estudantes e rotina de observações do professor supervisor. Mas afinal, como o ESO seria útil? Qual o propósito?

Buscando disponibilizar uma experiência mais próxima possível da sala de aula e da realidade dos professores durante a pandemia, optamos pela realização de planejamentos de aulas, reflexões a partir desta elaboração, construção de vídeos aulas, avaliação de cadernos do município a qual a escola faz parte e aulas da TV Escola utilizadas por essa instituição durante o ensino remoto.

Contudo, consideramos que essa oportunidade não foi tão rica quanto poderia ter sido de forma presencial ou até mediante uma estrutura de ensino remoto mais próxima dos estudantes, que permitisse a troca entre estudantes/estagiários. Observamos que planejar aula é levar em conta diversas circunstâncias, sobretudo de aulas virtuais.

Já no ESO III, durante o período de estágio encontramos algumas problemáticas. A primeira delas foi ter que dar aulas no ambiente familiar, sem

espaço apropriado ou isolado para ministrar aulas no qual o acesso a internet e a recursos tecnológicos eram impróprios.

Tivemos pouco tempo para planejar o que poderíamos trabalhar com os estudantes, pensar que ferramentas poderíamos usar, manuseá-las, conhecê-las, etc. No mais, com o apoio do supervisor conseguimos pensar em possibilidades de intervenção, mesmo que na tentativa de fazer algo diferente acabamos não tendo uma resposta oportuna do uso de recursos digitais na sala de aula. Isso nos ensinou que o simples também tem efeito positivo e que o avançado precisa de mais estudo e conhecimento.

Neste estágio supervisionado conseguimos observar como funciona a dinâmica de uma aula de Educação Física de forma remota. Realizamos planos de aula no qual pudéssemos acompanhar a turma nos momentos síncronos (Google Meet) e assíncronos (Google Sala de Aula); produzimos material didático para elaboração de aulas síncronas e assíncronas; corrigimos atividades; e realizamos frequência dos estudantes.

Observamos que planejar aula é levar em conta diversas circunstâncias, que devemos estar preparados para diferentes cenários e que às vezes menos é mais, pois planejamos uso de algumas ferramentas e momentos que não puderam ser usufruídos na mesma aula.

O ESO IV, já foi de forma presencial, vivemos aulas de Educação Física quase na normalidade, visto que ainda tínhamos que manter a exigência do uso de máscaras. Eram raros os alunos que usavam as máscaras de forma correta e dar aulas com máscaras era sufocante.

Os estudantes da escola reclamavam muito quando não iam ao pátio. Essas reivindicações são até compreensíveis, quando você pensa que eles ficaram dois anos longe da escola e da Educação Física, que o que eles mais precisam no momento é liberar as tensões e energias que carregam.

Essa foi para mim a experiência mais proveitosa daquilo que esperava encontrar no ESO da UFRPE, uma oportunidade de pôr em prática nossas teorias e refletir sobre nossas ações, buscando crescer como futuros professores em todas as áreas (pessoal, interpessoal, cognitiva, psicológica, cultural, etc).

5. AS VOZES DOS/AS DISCENTES DA UFRPE SOBRE O ESO NA PANDEMIA

Com o intuito de ampliar o escopo da investigação aplicamos um questionário com 8 (oito) questões aos sujeitos da pesquisa, que teve duração durante o período de 12/09/2022 a 16/09/2022. Foram adotados alguns critérios específicos para a participação na pesquisa, com o intuito de filtrar possíveis condições que não estivessem alinhadas com o propósito desta pesquisa. São eles:

- a) Estar em vínculo com a UFRPE ou ser egresso;
- b) Ser/Ter sido estudante do curso de Lic. em Educação Física da UFRPE;
- c) Ter cursado a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório na UFRPE durante o período de 2021.1 a 2022.1;

Utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário on-line no GoogleForms tendo, em sua composição, dez perguntas fechadas baseadas em escala de intensidade de concordância do tipo Likert, na qual os sujeitos podem expressar sua opinião ou atitude acerca do problema a ser estudado.

Os enunciados tinham opções de resposta de 1 a 5, sendo 1 discordância total (muito ruim), 3 neutralidade (regular) e 5 concordância total (muito bom) com a questão abordada. Os pontos abordados nas perguntas foram referentes às percepções de eficácia, satisfação e acerca das relações/ensino da EF durante a pandemia no ESO da UFRPE.

A interpretação dos dados utilizou-se de estatística descritiva baseada em porcentagem. Participaram do estudo 36 sujeitos conforme convite solicitado mediante grupos de WhatsApp.

O tratamento dos resultados destes dados apresentam uma reflexão com as sínteses de experiências pessoais vividas nos Estágios Supervisionados e do contexto histórico ao qual enfrentamos.

Inicialmente foi perguntado aos estudantes se houve instrução, por parte dos professores dos ESOS, para uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula. A análise quantitativa das respostas mostrou que houve divisão expressiva quando os sujeitos foram questionados sobre a instrução dada por parte dos professores para o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula. Essa questão é exploratória e pertinente porque dá aos graduandos embasamento e capacidade de realizar aulas

remotas, como foi solicitado no período em que as aulas presenciais estavam suspensas. Como reger aulas, fazendo uso de ferramentas tecnológicas se não fomos preparados para isso? Portanto, no que tange a instrução dos professores para a preparação dos estudantes no ensino remoto: 30,5% dos sujeitos consideraram ineficaz, 38,9% demonstraram que foi regular e 30,6% consideraram positiva.

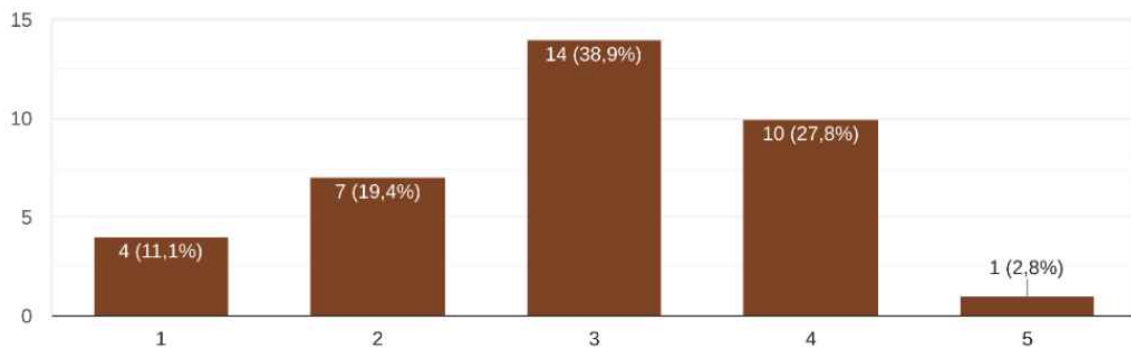


Gráfico 1: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com a instrução dos professores para uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula.

Em relação ao nível de satisfação com as escolas campos de estágio, mais da metade dos estudantes se sentiram satisfeitos. Isso evidencia que as escolhas das Instituições podem ter proporcionado uma boa experiência para os graduandos durante o período de pandemia. Tendo 55,6% dos entrevistados uma análise positiva, 25% regular e 19,4% insatisfatório.

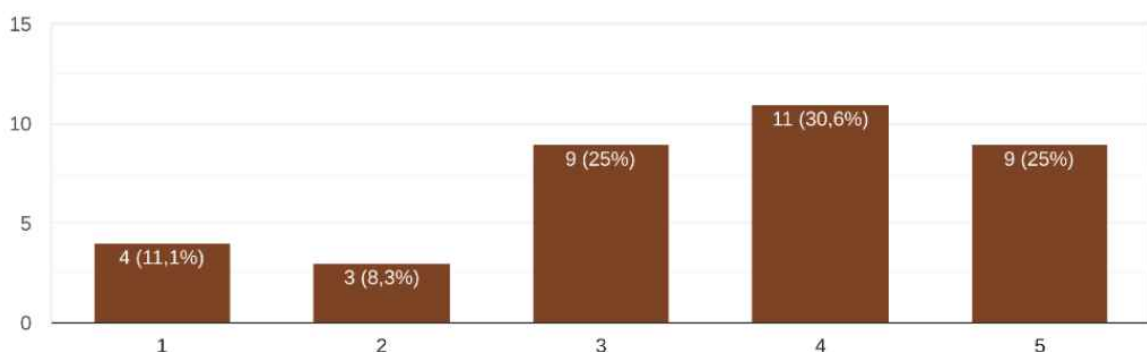


Gráfico 2: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com o nível de satisfação com as escolas campos de estágio.

Na terceira pergunta, buscando compreender se a pandemia pode ter modificado o contato dos estagiários com os estudantes das escolas campo de estágio durante a pandemia. O gráfico mostrou que 52,7% das pessoas consideraram satisfatório, 19,4% consideraram regular e 27,8% consideraram insatisfatório.

Precisamos observar que durante esse período de um ano, ao qual a pesquisa se objetivou, tivemos três disciplinas de ESO em momentos distintos da pandemia. Esse gráfico prova que os efeitos da pandemia modificaram o contato dos estagiários com os estudantes, quando ele aconteceu, porém os números são até motivadores considerando o cenário em que muitas escolas do estado de PE se encontravam. Contudo, também reforça a boa escolha das Instituições do gráfico anterior.

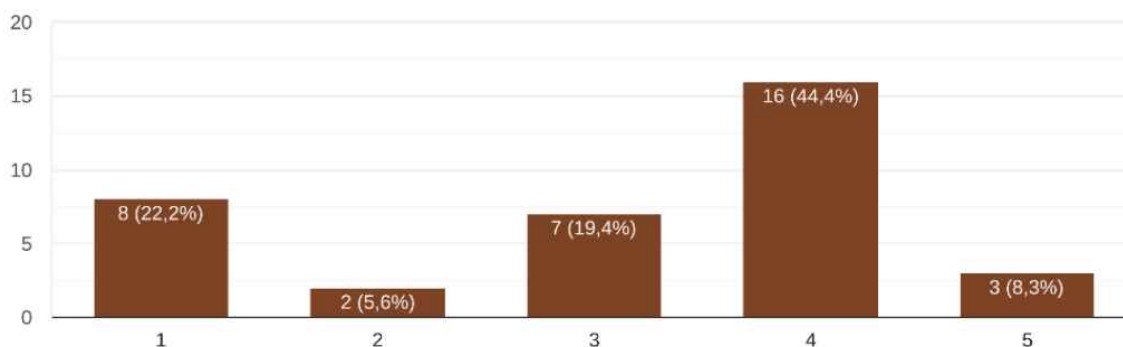


Gráfico 3: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com o nível de contato com os estudantes das escolas campo de estágio

Notamos, em seguida, que 77,8% dos estudantes ficaram satisfeitos com os professores supervisores das escolas campos de estágio, 13,9% consideraram regular e apenas 8,4% não se sentiram satisfeitos. Essa concordância expressiva em relação à satisfação dos estudantes de graduação da UFRPE em Educação Física com os professores supervisores das escolas campos de estágio é motivadora, pois a relação entre professor supervisor/estagiário abre portas diretas aos estudantes das escolas, assim como caminhos e reflexões sobre a prática.

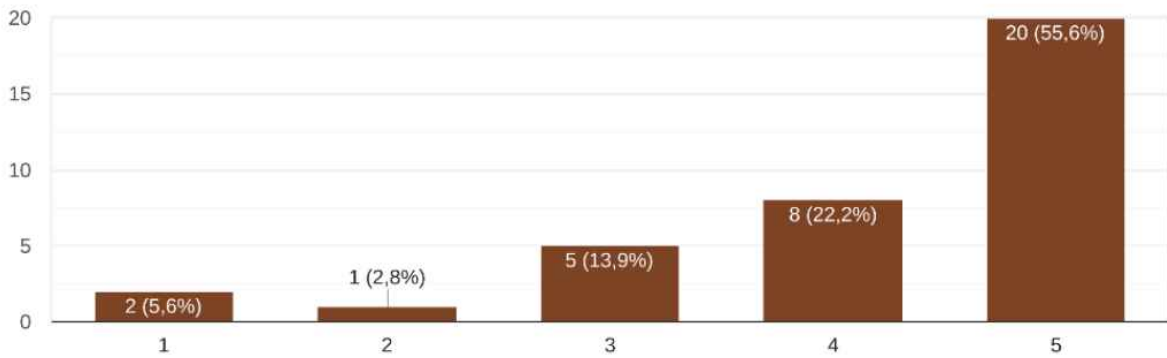


Gráfico 4: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com o nível de satisfação com os professores supervisores das escolas campos de estágio.

Na quinta pergunta, a análise quantitativa das respostas mostrou que 37,2% dos participantes consideraram a interação com as escolas campos de estágio satisfatória, já 31,4% consideraram regular e 31,4% insatisfatória. A análise quantitativa das respostas mostrou que houve uma divisão expressiva quando os sujeitos foram questionados sobre a interação com as escolas campos de estágio, no que diz respeito ao contato presencial. Isso evidencia, novamente, que dentro desse contexto de pandemia, muitos graduandos vivenciaram realidades diferentes, que podem ter sido: apenas remota, presencial/remota e só presencial.

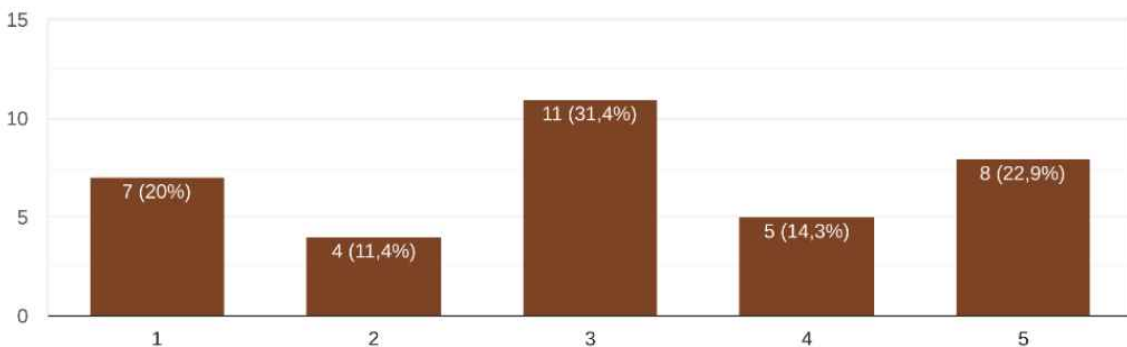


Gráfico 5: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com as interações presenciais nas escolas.

No que diz respeito às realizações de Intervenções (regências) no Estágio Supervisionado durante a pandemia, as opiniões dos participantes mostraram que 38,9% consideraram satisfatória, 27,8% regular e 33,3% insatisfatória. Tais opiniões dos participantes mostraram uma divisão expressiva entre concordantes, neutros e discordantes. Isso evidencia que os graduandos podem ter tido pouco ou nenhum

contato durante o estágio, assim como podem ter tido ao menos uma ou duas experiências favoráveis.

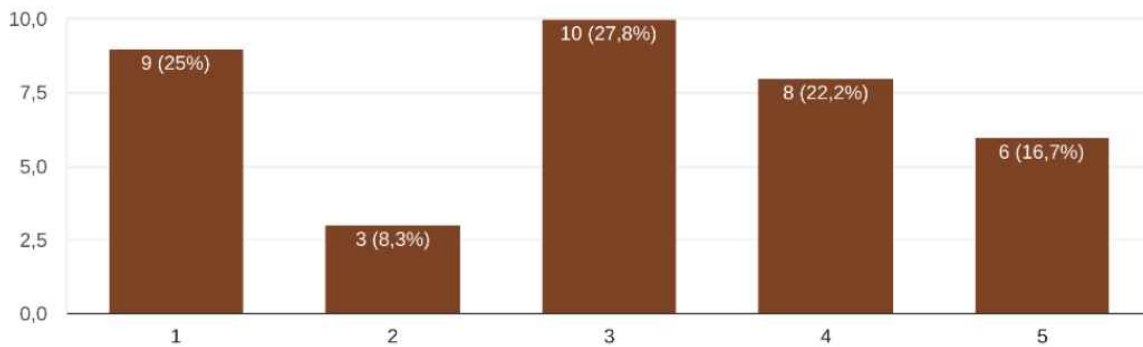


Gráfico 6: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com as intervenções no ESO durante a pandemia.

Na oitava pergunta, 66,7% dos participantes consideraram que o Estágio Supervisionado Obrigatório é importante para suas formações, 19,4% acreditam ser regular e já 13,9% consideram insatisfatório. Assim, observamos que uma quantidade expressiva de participantes informaram que acreditam na importância do Estágio Supervisionado Obrigatório para suas formações profissionais.

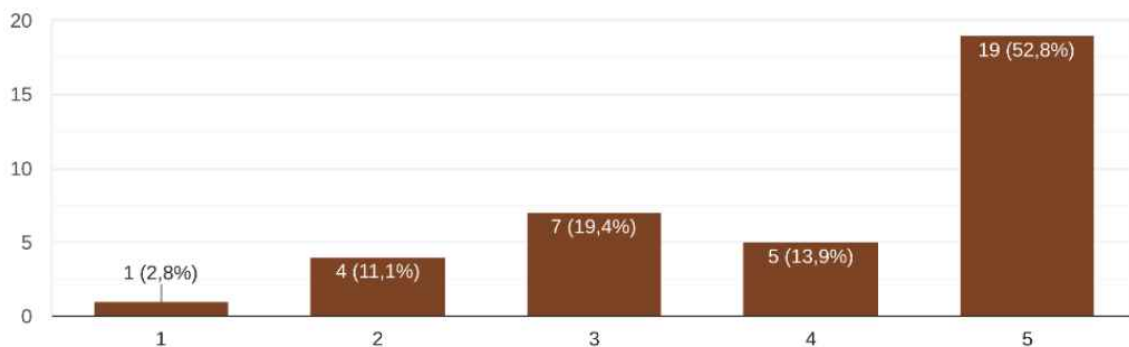


Gráfico 7: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com a importância do ESO para suas formações profissionais.

A última pergunta foi sobre o nível de satisfação do ESO durante a pandemia, e obtivemos uma divisão expressiva de opiniões tendo, contudo, a maioria de considerações concordantes, nas quais 66,7% consideraram positiva, 19,4% regular e 36,1% de ruim a muito ruim.

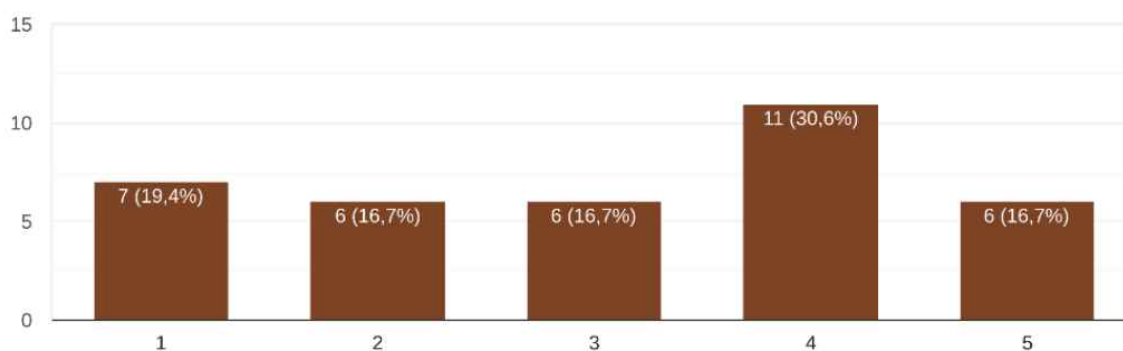


Gráfico 8: Porcentagem de respostas dos participantes de acordo com o nível de satisfação do ESO na pandemia.

Os resultados da pesquisa nos levam a refletir que as instruções para uso de ferramentas tecnológicas seriam importantes para intervenções mais eficazes, já que ter domínio sobre recursos permite tornar o ensino mais cativante e empolgante.

Ainda examinamos que a escolha de campos de estágio que ofertavam uma gestão de ensino mais eficaz durante a pandemia, seja ele remoto (síncrono ou assíncrono) foi importante para que os graduandos compreendessem como funciona a dinâmica de sala de aula, mesmo diante de circunstâncias atípicas. A escolha de bons professores supervisores também se mostrou satisfatória uma vez que esse trabalho conjunto, dá subsídios para boas práticas oferecendo auxílio em cada fase do processo de regência.

Em vista dos argumentos apresentados, já que a satisfação com as escolas e professores supervisores foi satisfatória, acreditamos que as intervenções não tenham sido mais benéficas devido ao contexto histórico que vivemos durante alguma experiência de estágio, quando tivemos que nos afastar do chão da escola.

Ainda convém mencionar que “o novo normal” que muitos graduandos tiveram que enfrentar no ESO da UFRPE, durante o período de pandemia, pode ter provocado uma divisão de opiniões acerca da satisfação sobre a experiência final na disciplina, porém diante de todo contexto que vivenciamos, ainda assim o Estágio Supervisionado Obrigatório tem creditada a sua devida importância para a formação de discentes.

Concluimos que esse estudo apontou uma relação de concordância com as opiniões de maiores proporções, por parte dos estudantes, quando comparados às sínteses de experiência nos ESOS II, III e IV no período de 2021.1 a 2022.1.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado é uma excelente oportunidade de ter acesso ao chão da escola e colocar em prática tudo aquilo que aprendemos durante a graduação. Ele amplia nossas perspectivas sobre o saber docente, os procedimentos de ensino, a interação professor/aluno e a observar a dinâmica de uma escola e currículo.

Buscando refletir sobre as vivências no campo de estágio através do olhar de múltiplos estudantes, realizando também uma revisão bibliográfica sobre a relação entre Educação Física, Ensino Remoto e Formação Inicial concluimos que há poucos estudos que trazem relação entre esses 3 (três termos), porém há várias pesquisas que discorrem sobre como a Educação Física pôde ser trabalhada durante a pandemia.

As sínteses dos trabalhos realizados durante o ESO para o curso de Lic. em Educação Física da UFRPE atrelado ao questionário preenchido por estudantes da também dessa disciplina, evidenciaram que essas experiências durante o período pandêmico encontraram um cenário cheio de desafios, para todos os sujeitos que fizeram parte desse processo (orientadores da disciplina, alunos das escolas campo de estágio, graduandos, professores supervisores das escolas, gestão das escolas). Porém, mesmo diante de circunstâncias adversas foi possível extrair das dificuldades alternativas para que o ensino da Educação Física acontecesse, na maioria dos casos, e que a proposta do Estágio Supervisionado pudesse ser atendida.

Portanto, concluimos que a pandemia da Covid-19 alterou a dinâmica de ensino do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) na UFRPE do curso de Licenciatura em Educação Física uma vez que tivemos a disciplina teórica de forma remota e em muitos casos a interação com as escolas campo de estágio e as intervenções também aconteceram de forma remota. Algo que também foi diferente diz respeito ao uso de ferramentas para o processo didático, o tempo de intervenção

nas turmas, a relação com os alunos da escola campo, que aconteceram em alguns momentos remotos, outros presenciais e alguns nem existiram.

Procurando interpretar se o ESO durante a pandemia foi oportuno para o desenvolvimento dos graduando da UFRPE como futuros profissionais de Educação Física consideramos como positivo. O esforço para escolhas de campos de estágio que pudessem oferecer uma experiência mais próxima possível de uma situação padrão de aulas, foi o ponto de destaque desse processo, assim como a seleção dos supervisores que guiaram os graduandos durante o período de vivência.

Compreendemos, contudo, que dentro desse cenário de pandemia obtivemos três oportunidades de olharmos para esse fenômeno e avaliarmos, porém há de se considerar os estudantes que tiveram menos oportunidades e talvez não tenham sido em momentos oportunos da pandemia e contando com um projeto de gestão apropriada para fazer fluir um ensino de qualidade, ainda que remoto, nas escolas campo de estágio.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICOS

- ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de. **O plano de ensino: ponte entre o ideal e o real**. Fortaleza, 2002.
- ANDRADE, Fabiana. **A pedagogia do afeto na sala de aula**. 2ª ed. Recife: Prazer de Ler, 2014.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- Congresso Nacional: **Medida Provisória nº 934**, de 2020. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/141349#:~:text=Ementa%3A,6%20de%20fevereiro%20de%202020>
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação Escolar e Pandemia. Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020)
- FREITAS, L. G. F. et al. **Ensino Remoto Emergencial e o Isolamento Social: a precarização da escola pública e do trabalho docente**. 2020.
- KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014
- GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. Edição Loyola: São Paulo, SP. 1991
- Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
- GODOI, M.; KAWASHIMA L. B.; GOMES, L. A. **“Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19**. Dialogia, São Paulo, n36, 2020.
- ILHA, F. R. S. et al. **Experiências e percepções compartilhadas no Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física no Ensino Médio em tempos de pandemia**. Cad. Educ. Fís. Esporte, v. 2, 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/28804/20792>
- OPAS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezem bro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>.
- JÚNIOR, J. A. S.; VAZ, L. C.; SOUZA, M. S. **Educação Física e Ensino Remoto Emergencial: Percepções de Diferentes Sujeitos**. EAD em foco, 2021. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1580/698>
- LEITE, L. S. G. P. et al. **O ensino remoto de Educação Física em narrativa: entre rupturas e aprendizados na experiência com a tecnologia**. Movimento, v. 28, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/122440/84643>
- MACHADO, R.B. et al. **Educação Física Escolar em tempos de distanciamento social: Panorama, desafios e enfrentamentos curriculares**. Movimento, v. 26, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/106233/59389>
- MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática pedagógica histórico-crítica na educação infantil e ensino fundamental**. Campinas, SP : Autores Associados, 2011. - (Coleção Educação Contemporânea).

MARTIS, R. M. **A prática pedagógica da educação física no Brasil no período de pandemia de COVID-19.** *Educación Física y Ciencia*, vol. 24, n° 2, 2022. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/efyce217/15803>

MARTINS, Lígia Márcia; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **CONTRIBUIÇÕES PARA A SISTEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA.** 2015

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Vozes, Petrópolis, 2007.

MIRAGEM, A. A.; ALMEIDA, L. **Potencial e limitações da Educação Física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular.** *Movimento*, v. 27, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111633/64601>

NETO et al, J. A. **Aspectos históricos das fases da Educação Física no Brasil e reflexões sobre a relação com o tema saúde.** 2019. Disponível em: http://uece.br/eventos/congressoeducfiscascolar/anais/trabalhos_completos/505-42855-26102019-125310.pdf

POSSAMAI, K. et al. **As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física durante o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio.** *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354297602_As_praticas_corporais_de_aventura_nas_aulas_de_educacao_fisica_durante_o_ensino_remoto_planejando_o_movimentar-se_com_a_prancha_de_equilibrio

SILVA, Juliana Daniele de Araújo et al. **Principais dificuldades do ensino remoto e uso de tecnologias no ensino- aprendizagem de estudantes de Educação Física durante a pandemia da COVID-19.** *Educación Física y Ciencia*, vol. 23, núm. 4, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4399/439968888002/html/>

SILVA, J. D. A.; FRANÇA, T. L. **A Educação Física no modelo remoto em face à pandemia da COVID-19: reflexões de estudantes e professores sobre o ensino-aprendizagem.** 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/80680/47618>

SILVA, J. D. A. **Dificuldades do ensino remoto e uso de tecnologias no ensino- aprendizagem de estudantes de Educação Física durante a pandemia da COVID-19.** *Educación Física y Ciencia*, octubre-diciembre 2021, vol. 23, n° 4, 2021. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/efyce194/1493>

SILVA, M. J. S.; SILVA, R. M. **Educação e ensino remoto em tempos de pandemia: desafios e desencontros.** 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook3/TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID1564_06092020174025.pdf

SPIES, M. F. et al. **Aspectos relacionados à atuação de professores/as de educação física durante o ensino remoto na pandemia da Covid-19.** *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 3, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27592/19799>

8. APÊNDICE

Relato de experiência sobre o ESO II: Realidade e possibilidades

O estágio supervisionado II começou cheio de desafios, pois eram raras as escolas públicas que tinham um bom fornecimento de aulas remotas, visto que as aulas dessas instituições não ocorreram durante o ano de 2020, vindo retomar, de forma virtual, somente no ano de 2021.

Esse ESO teve carga horária total de 105 horas sendo dividida em 70 horas no campo de estágio e 35 horas teóricas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com vigência até 17 (dezesete) de julho de 2021 (dois mil e vinte um), tendo início das atividades no dia 05 (cinco) de abril de 2021 (dois mil e vinte um). A unidade de ensino escolhida foi o Colégio Municipal Visconde de Suassuna, que faz parte da Rede Municipal de Ensino de Jaboatão dos Guararapes e está situado no bairro de Piedade.

A Escola era Regular, de Ensino Integral e atendia as fases do Ensino Fundamental anos finais (do 6º ao 9º ano), também tinha 3 professores de Educação Física que dividiam seus horários nas turmas referidas. O nosso professor supervisor lecionava, na época, as turmas de 8º ano A e B.

Como o ano de 2020 foi um ano atípico na escola que não teve aulas, em 2021 a prefeitura se viu obrigada a tomar alguma atitude. De acordo com isso, o município de Jaboatão dos Guararapes organizou um caderno de atividades pedagógicas, neste a proposta do segundo volume da edição envolve os níveis 1, 2, 3 e 4.

Os Cadernos Turbine seu Conhecimento Atividades Complementares Adaptadas, foram elaborados em consonância com o documento Organizador Curricular - Jaboatão dos Guararapes – PE, configurando uma adaptação da Base Nacional Curricular Comum que norteia os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidos na Educação Básica. Com o tempo e algumas discussões entre professores e município foi observado que apenas os cadernos de atividades não eram suficientes e adotaram a iniciativa de ministrar aulas para os estudantes. As aulas eram ministradas por professores da rede municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA.

Então, dia 04 de maio foi lançada pela prefeitura a TV Escola Jaboatão. As aulas eram transmitidas de segunda a sexta-feira, através da TV Nova Nordeste, canal 22.2, das 10h às 12h e das 16h às 18h. Elas também estavam disponíveis na página www.facebook.com/tvnovanordeste e no canal da TV Nova Nordeste no YouTube.

Paralelamente às aulas da TV Escola, os alunos continuaram recebendo o caderno de atividades para que pudessem estudar em casa, bem como o kit de alimentos, em substituição à merenda escolar. Os cadernos de atividade, a partir de algumas discussões e análises com o professor supervisor, atribuíam mais espaços e questões para disciplinas como Português, Matemática, Ciências e as demais disciplinas como Educação Física devem se encaixar no espaço que sobrava. O máximo eram 20 páginas, tendo cadernos em que apenas havia espaço para 1 questão de Educação Física.

As questões selecionadas para participar do caderno eram descontextualizadas, os professores da rede se esforçaram para elaborar questões que desenvolvessem habilidades e as questões selecionadas eram sempre improvisadas para caber no espaço. Com isso, os professores se sentiam desmotivados, desprestigiados, pois eles buscam questões que proporcionem um engajamento com a disciplina, o que não ocorreu.

Já os vídeos assistidos da TV Escola, pelo Youtube, tinham duração de cerca de 15 minutos, apresentavam material expositivo, eram bem elaborados e apresentavam uma linguagem simples. Ao final do vídeo, os professores sempre lançavam desafios para os alunos relacionados ao saber trabalhado. Contudo os vídeos tiveram cerca de 300 visualizações em 1 semana, número muito baixo se comparado com o percentual de alunos que participavam da Rede Municipal de Ensino de Jaboatão dos Guararapes.

Quando iniciamos nosso processo de estágio, ficamos sabendo que os professores não tinham contato com os alunos e o único material recebido e enviado era o caderno de atividades que atribuíam nota e frequência aos estudantes. Logo, durante nosso período no ESO II não pudemos conhecer a escola, ter contato com nenhum estudante sobre quaisquer condições.

Assim, para que o objetivo do estágio em contribuir para nossa formação tivesse algum significado, realizamos encontros com o nosso professor supervisor que ocorreram pelo aplicativo Google Meet, que duravam cerca de uma ou duas horas. Nesses encontros discutimos sobre o PPP da Escola, sobre o plano de ensino do professor supervisor e o resto do expediente era destinado a análise dos cadernos de atividades, construção de planos de aulas, criação de micro aulas e análise do material da TV Escola.

Buscando observar a realidade do professor na escola discutimos durante reuniões sobre o plano de ensino do professor, e ele nos relatou os desafios e possibilidades nas aulas antes da pandemia, e também das contribuições que ele tem feito durante as aulas na pandemia. Os conhecimentos foram sequenciados de forma que pudéssemos primeiro compreender o espaço a ser analisado, conhecer a estrutura, depois os materiais de apoio e os documentos que a escola usa para se estruturar. Em seguida, vimos as aulas na Tv Escola, e os cadernos de atividades de forma com que pudéssemos ter uma visão geral do que o professor vivenciava antes e durante a pandemia.

Como não tínhamos acesso aos alunos, nem à escola decidimos junto à orientadora trabalhar na construção de planos de aula. Nossa intervenção ocorreu em dois momentos. O primeiro foi em junho quando montamos um plano de ensino para uma unidade a pedido do professor supervisor com o conteúdo ginástica. Realizamos reflexões acerca dos procedimentos de ensino.

Já a segunda intervenção foi em julho, buscando melhorar em alguns pontos debatidos, fizemos um novo planejamento para vídeo aulas (uma sequência didática para quatro aulas). Como estávamos no momento das festas juninas concordamos em desenvolver as aulas sobre jogos e brincadeiras juninas. As aulas foram gravadas e tinham uma sequência lógica sobre a cultura junina, jogos e brincadeiras juninas. Fizemos um cenário para as gravações. A primeira aula foi sobre a cultura junina, o segundo vídeo foi sobre as brincadeiras juninas, a terceira e quarta aula traziam algumas brincadeiras e um desafio para os alunos vivenciarem as brincadeiras em suas casas.

Figuras 8.1 registros das vídeos aulas



Fonte: Arquivo Pessoal

Relato de experiência sobre o ESO III: Realidade e possibilidades

O estágio supervisionado III foi realizado no Colégio de Aplicação UFPE, que encontra-se situado na Avenida da Arquitetura, S/N - Cidade Universitária, Recife/PE. É uma instituição pública filiada à Universidade Federal de Pernambuco.

O CAP recebe inúmeros estagiários de licenciatura por semestre, além de contar com as residências pedagógicas e os programas como PIBID. Dessa forma o Colégio Aplicação incentiva a formação de docentes, contribui para a valorização do magistério, eleva a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, integra teoria e prática, promove a integração entre educação superior e educação básica, proporciona aos licenciandos oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas.

O perfil do alunado presente neste Colégio, mediante pesquisa do PPP realizada em 2016, mostra que a maior parte dos alunos do CAP UFPE vem de escolas privadas, chegando a cerca de 100% do total. Muitos desses alunos além de virem de escolas particulares também realizam cursos preparatórios para se preparar para o ingresso no Colégio.

A Escola atende as fases do Ensino Fundamental anos finais (do 6º ao 9º ano), e Ensino Médio. Apresenta, mediante análise de horários, 5 professores de Educação Física. Os professores são divididos por turmas, logo nosso professor supervisor assumia turmas do 6º ano, 8ºB e 9º ano durante o período do estágio que teve vigência até 11 (onze) de dezembro de 2021 (dois mil e vinte um), tendo início das atividades no dia 30 (trinta) de agosto de 2021 (dois mil e vinte um).

Ainda em cenário de pandemia, no segundo semestre de agosto, já tinha algumas escolas públicas voltadas às atividades presenciais seguindo protocolos, o Colégio de Aplicação vinculado à UFPE decidiu manter as aulas remotas até o fim do ano letivo. Portanto as aulas da turma aconteciam via Google Meet, nas quarta-feiras das 8h às 9h e os alunos ingressaram na plataforma de ensino Google Sala de Aula onde realizavam atividades assíncronas para composição da carga horária da disciplina.

O processo de observação não foi tão rico, acredito que poderíamos entrar mais cedo na escola e assim acompanhar mais o trabalho do professor e sua relação com a turma. Mesmo tendo assumido a turma recentemente, o professor supervisor parecia estar bastante entrosado e o clima era harmonioso e interativo. Entramos no estágio sabendo que eles não eram obrigados a abrir suas câmeras, mas o professor vez ou outra solicitava que eles pudessem abrir, fato que raramente acontecia. Ao longo das observações apenas 2 estudantes abriram a câmera durante as aulas.

Através das observações reparamos que o professor permitia que os estudantes assumissem parte ativa no processo de ensino/aprendizagem de forma que eles podiam se posicionar, esclarecer dúvidas, interagir e até ensinar. Além disso, ele buscava ouvir suas ideias para tornar a aula mais cativante e interativa. Percebemos que ele faz uso de diferentes ferramentas digitais e recursos didáticos como jogos on-line, textos didáticos, debates, etc. A partir desses recursos, ele pôde discutir com a turma sobre temas transversais, como respeito e competição.

Nosso processo de regência começou dia 03 de Novembro de 2021 e terminou dia 24 de Novembro de 2021. Ao todo ministramos 4 aulas, sendo duas para cada estagiário. No começo traçamos o seguinte roteiro para as aulas: como surgiram os esportes, esportes de natureza, espaço físico e as práticas corporais de aventura e parkour. Porém ao decorrer das aulas alguns pontos nos chamaram atenção, culminando em uma alteração da proposta inicial, que foi totalmente aceita pelo professor supervisor.

Primeira aula

A primeira regência ministrada foi cheia de contratempos, tivemos um grande empecilho tecnológico. O vídeo estava travando, a internet caiu e os alunos ficaram cerca de 10 minutos sem conseguir compreender o que estava sendo falado. Depois conseguiu-se dar sequência a aula e buscou-se recuperar o tempo que havíamos perdido.

Debatemos sobre como surgiram os esportes sobre os olhares de Manoel Tubino (1993). Os alunos foram instigados a pensar como surgiram os esportes através de debate e mediante ele os estudante iam sendo estimulados a discutirem temáticas que envolviam esporte/cultura, esporte/lazer, esporte/competição. O material utilizado foram fotos de pessoas praticando atividades e através dessas fotos fizemos uma viagem sobre evolução do esporte ao longo do tempo. Classificando-o em 3 importantes momentos: esporte da antiguidade, esporte moderno e esporte contemporâneo.

Ainda nessa aula realizamos a leitura do texto “origem do esporte” de Tubino (1993) e após buscamos novamente olhar para tais imagens e compreender as histórias que eles poderiam nos contar, fazendo link com o texto e os momentos sócio-históricos-culturais da sociedade.

A participação dos alunos foi tímida, mas aconteceu. Acredito que os contratempos tecnológicos possam ter provocado a falta de uma maior interação. Ainda assim pensamos que o objetivo da aula foi atingido. Ainda nessa aula debatemos temas transversais como a participação dos negros, mulheres e estrangeiros nos esportes, como esse progresso aconteceu. Além desses pontos discutimos os porquês de o esporte se tornar tão competitivo com o avanço cultural da sociedade e da conquista de poderem ser praticados como lazer (direito de todos).

Segunda Aula

A segunda aula, dia 09 de Novembro de 2021, nos possibilitou algumas reflexões sobre a prática pedagógica devido aquele momento surpresa que às vezes acontecem durante a aula, o aluno faz uma pergunta pertinente que vale a pena ser estudada. O tema trabalhado no dia foi práticas corporais de aventura e

nosso objetivo foi identificar, sistematizar e aprofundar o conhecimento sobre os esportes de aventura e sobre esse tipo de prática que vem conquistando espaço e revolucionando a forma de como praticamos o esporte da natureza na atualidade.

Propomos uma atividade avaliativa com o jogo Kahoot no início da aula. Era uma ferramenta que não tínhamos muito domínio e entendimento, porém o professor supervisor nos incentivou a usar, criamos as perguntas e ele criou o jogo. Os resultados do jogo em sua maioria foram de 70% de acertos, alguns obtiveram 50% e alguns alunos não conseguiram jogar.

Depois disso iniciamos o assunto sobre esportes de aventura, através de uma aula expositiva dialogada - fazendo uso de slide. Sondamos o que eles sabiam sobre esportes de aventura e quais esportes conheciam. Ficamos surpresos que poucos alunos conheciam práticas de aventura sendo as mais citadas: paraquedismo, skate, escalada, tirolesa.

Como eles já estavam trabalhando o conceito de esporte, durante a aula uma aluna perguntou: “professor, mas tirolesa é um esporte de aventura? Existe uma competição? Porque pelo que entendi precisa ter uma competição para ser um esporte!” Essa pergunta nos deixou reflexivos e o professor supervisor interveio, depois de também se questionar sobre a pergunta surpresa que alguns são esportes e outros ainda não competitivos podem ser considerados práticas corporais de aventura.

Em seguida, fizemos uma ponte com a atualidade e perguntamos quais esportes estão em alta na mídia ou recentemente tiveram grande repercussão e trabalhamos a participação do skate, surf como modalidades Olímpicas, pela primeira vez em Tokyo 2020. Também debatemos sobre os locais onde eles são praticados e citamos algumas práticas de aventura.

Ao final da aula tentamos usar a lousa interativa para que os alunos pudessem criar junto um jam, separando as práticas por espaço onde são praticadas (aéreo, terrestre e aquático), mas ela havia passado por uma atualização e nós não tínhamos testando antes da aula, o que provocou um pequeno contratempo que foi sabiamente contornado ao transferir a atividade para o chat de mensagens.

Figura 8.2: As imagens abaixo mostram a interação dos alunos no final da aula



Fonte: Arquivo Pessoal

A participação dos alunos nessa aula foi impressionante, vários alunos que não tínhamos visto falar ou mandar mensagens interagiram. Pudemos perceber que aquele conhecimento sobre atividades de aventura que eles tinham no começo da aula foi amplamente alargado, talvez porque não lembraram de alguma prática, talvez porque nem sabiam que eram de aventura ou porque conheceram durante a aula.

Após essa regência mudamos o decorrer das próximas intervenções por alguns fatores e achamos melhor partir dos questionamentos dos estudantes sobre recreação x esportes e de algumas dúvidas como: "alpinismo é terrestre?" ou "slackline é terrestre?" e planejar uma nova sequência. Abrimos mão de trabalhar o parkour e focamos em ajudá-los a compreender as diferenças entre esportes de aventura e práticas corporais de aventura e também sobre como são consideradas de acordo com o meio, além de poder apreciar outras modalidades e sanar dúvidas.

Como atividade assíncrona, elaboramos um texto didático e fizemos uma pergunta no Google Sala de Aula para elaboração de um texto sobre as influências do esporte contemporâneo sobre as práticas corporais de aventura. Acompanhe abaixo algumas respostas:

Figura 8.3: Texto produzido pelo aluno Rafael

Influências do esporte contemporâneo nas práticas das atividades de aventura

O esporte contemporâneo, cada vez mais inclusivo e acessível, cria oportunidades para conhecermos todos seus nichos, desde o mais casual ao mais competitivo. Neste meio que entram os esportes de aventura que vem se popularizando por seu caráter radical, que em um mundo pós revolução industrial faz bastante sentido tanto pela reconexão com a natureza e o sentimento de estar vivo.

Figura 8.4 Texto produzido pela aluna Maria:

O esporte contemporâneo define-se pela busca por lucros e tem várias formas de manifestações, pois ele muda de acordo com a cultura, objetivos, expectativas, possibilidades e limitações. É caracterizado por três categorias que compõem suas formas de manifestação: o ambiente da prática, a modalidade esportiva e o sentido que se dá à essa atividade. Já as atividades de aventura, que também podem ser chamadas de "atividades de ação" ou "atividades radicais", são usadas para dar nome aos esportes que têm muita adrenalina. Alguns exemplos de esporte contemporâneo são futebol, skate, voleibol e basquete; e de atividades de aventura são asa-delta, mergulho, paraquedismo e escalada. Mas também existem algumas atividades de aventura que podem ser consideradas esportes contemporâneos, como o skate. Antigamente, as atividades de aventura eram praticadas somente nos momentos de folga, no "tempo livre" e só por adultos. Mas hoje, com a influência do esporte contemporâneo, elas vêm evoluindo e ganhando força e visibilidade, tanto que é direito de todos praticar atividades físicas e é de extrema importância na vida das pessoas. O esporte também influenciou nas regras de algumas atividades, na participação delas em competições e até nos Jogos Olímpicos. Além do aumento nas vendas e na procura de profissionais. Essas atividades acompanham o processo de mudança cultural, como acompanharam o processo até chegar no esporte contemporâneo e se transformam, mudam e crescem mais a cada ano que passa.

Terceira Aula

Na sequência, a terceira regência (dia 17 de Novembro de 2021) teve como tema: o espaço físico e as práticas corporais de aventura. Iniciamos assistindo um

vídeo e ouvindo uma música. Após questionamos quais práticas eles conseguiram reconhecer no vídeo, prontamente os estudantes falaram algumas e perguntaram sobre outras que não conheciam e acharam interessante.

Fizemos um resgate do que estudamos na aula passada e depois colocamos uma frase para discussão que tinha como proposta o tema transversal meio ambiente. Eles leram e disseram o que compreenderam da citação. Debates sobre a importância de preservar o espaço no qual praticamos atividades.

Em seguida debatemos que todas as atividades de aventura que conhecemos podem ser recreativas ou competitivas e algumas, na qual questionaram na aula passada, existem competições no Brasil e no Mundo. Pudemos assistir alguns vídeos de competições como balonismo que eles citaram, slackline e também da escalada esportiva.

Também conhecemos algumas práticas apenas recreativas que ainda não possuem competições ou federações. Os alunos participaram bastante, contaram o que gostariam de praticar, comentaram sobre os vídeos, sobre suas experiências e sanamos juntos muitas dúvidas que ficaram pelo caminho.

Como atividade assíncrona dividimos em 6 grupos de 4 pessoas e demos uma prática corporal de aventura de característica apenas recreativa para cada grupo. O intuito é que pesquisassem e criassem uma competição para essa prática para ser apresentada na próxima aula.

Quarta Aula

A última regência aconteceu dia 24 de Novembro de 2021. Iniciamos a aula fazendo um jogo de perguntas e respostas em equipe como avaliação da aula passada. O jogo era simples, perguntamos algo e eles deveriam responder corretamente. A pergunta era feita ao grupo e somente algum integrante do grupo deveria responder. Eles responderam com agilidade e mostraram conhecimento do assunto.

Para a surpresa e felicidade do professor supervisor, nenhum grupo deixou de apresentar, estavam todos preparados e com material disponibilizado na plataforma de ensino com antecedência. O momento das apresentações foi encantador, ficamos admirados como eles se comprometeram com a ideia, pesquisaram, elaboraram slides com maestria e apresentaram suas ideias com

segurança. As práticas propostas para apresentação foram: Arvorismo, Tirolesa, Espeleologia, Mergulho, Hoveboarding e Boia cross.

A partir das apresentações observamos que eles conseguiram elaborar uma ideia de competição, pensaram nas regras, em como se pratica, no sistema de participação da competição ou penalização e inclusão no esporte.

Para atividade assíncrona refletimos em uma fórum de discussão sobre a inclusão no esportes de aventura, pois foi uma temática que nos chamou bastante atenção durante a apresentação dos trabalhos.

Figura 8.5 Slides produzido pelo grupo tirolesa para apresentação do trabalhos:

tirolesa como esporte

- O esporte proposto tem uma dinâmica que mistura circuito e série de exercícios.
- Sobre os participantes: serão 4 jogadores, maiores de idade e com pesos semelhantes.
- Em cada etapa os integrantes devem utilizar os equipamentos fundamentais e obrigatórios, fazendo a troca dos mesmos se necessário.
- A meta é obter a maior pontuação, que será calculada a partir da média aritmética dos pontos conquistados em cada fase.
- Há 3 juizes que julgarão os integrantes em caso de desobediência a algum dos critérios apresentados. Se for necessário, ocorrerá a eliminação do infrator.

FASE I

São quatro pontes, uma para cada participante, aquele que atravessar a ponte mais rápido conseguirá uma vantagem para as outras fases.

Caso o esportista complete o circuito primeiro, ganhará um acréscimo de 10 pontos.

FASE II
CAÇA AS BANDEIRAS

Devem capturar 4 bandeiras perto da tirolesa, cada uma valendo 25 pontos.

Fonte: Arquivo Pessoal

Relato de experiência sobre o ESO IV: Realidade e possibilidades

Após dois anos longe do chão da escola, o ESO 4 nos trouxe de volta a tão desejada interação presencial com os alunos, e isso é muito importante para um estagiário porque é o cenário mais próximo do ambiente escolar que alguns graduandos podem ter. Porém antes de entrarmos na escola campo tivemos aulas teóricas on-line devido um aumento de casos do COVID-19. Após um mês de aulas remotas, entramos na escola campo de forma presencial.

Tivemos que seguir protocolos sanitários que já estavam mais flexíveis. O uso de máscara era obrigatório em sala de aula, mas havia sido liberado em áreas abertas como quadras, parques, etc.

A carga horária total deste período de estágio foi de 135 horas. Sendo dividida em 90 horas no campo de estágio e 45 horas teóricas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e tem vigência até 28 (vinte e oito) de maio de 2022 (dois mil e vinte dois), tendo início das atividades no dia 14 (quatorze) de fevereiro de 2022 (dois mil e vinte dois). Esse ESO foi realizado em grupo, sendo que cada dupla assumia 2 turmas do Ensino Médio.

O estágio supervisionado IV foi realizado no EREM Dom Bosco, que é uma Escola Técnica Estadual, considerada uma das melhores do ensino público de Pernambuco. Durante o período de estágio, acompanhamos a turma do 1º ano B de Marketing nas terças-feiras e 1º ano A de publicidade nas quintas-feiras. As aulas ocorriam às 9:30 horas com cinquenta minutos de duração.

A escola atende a turmas de Ensino Médio e os cursos profissionalizantes oferecidos são publicidade e marketing. A Educação Física no ano de 2022 nesta escola já iniciou com o Novo Ensino Médio de forma gradual. Neste ano letivo apenas para o 1º ano e nos anos seguintes para o 2º ano do Ensino Médio e, por seguinte, o 3º ano do Ensino Médio. A orientação para esse bimestre na disciplina de Educação Física é Dança/Lutas, reunimos o grupo de intervenção e pudemos escolher qual tema iríamos trabalhar, o grupo optou por trabalhar com dança.

Nesse estágio supervisionado pudemos realizar várias observações, pois acompanhamos tanto as nossas turmas quanto a de nossos colegas de grupo. Porém a escola estava em momento de avaliação da unidade o que comprometeu

que pudéssemos averiguar como acontecia a relação professora/alunos e metodologias de ensino.

Pedimos a permissão para falar com os alunos e realizar uma pesquisa com sobre o que eles gostariam de estudar sobre o conteúdo dança. Eles escreveram em um papel as danças que eles gostariam de ver nas aulas. Alguns não participaram, porém a maioria deu sua opinião. Observamos que os 1º ano do Ensino Médio tinham conhecimento sobre alguns tipos de dança porém, confundiam algumas danças com estilos musicais.

Para nossas intervenções concordamos que daríamos aulas para ambas as turmas, sendo intercaladas. Isso possibilitaria que tivéssemos experiências com turmas diferentes de perfis diferentes.

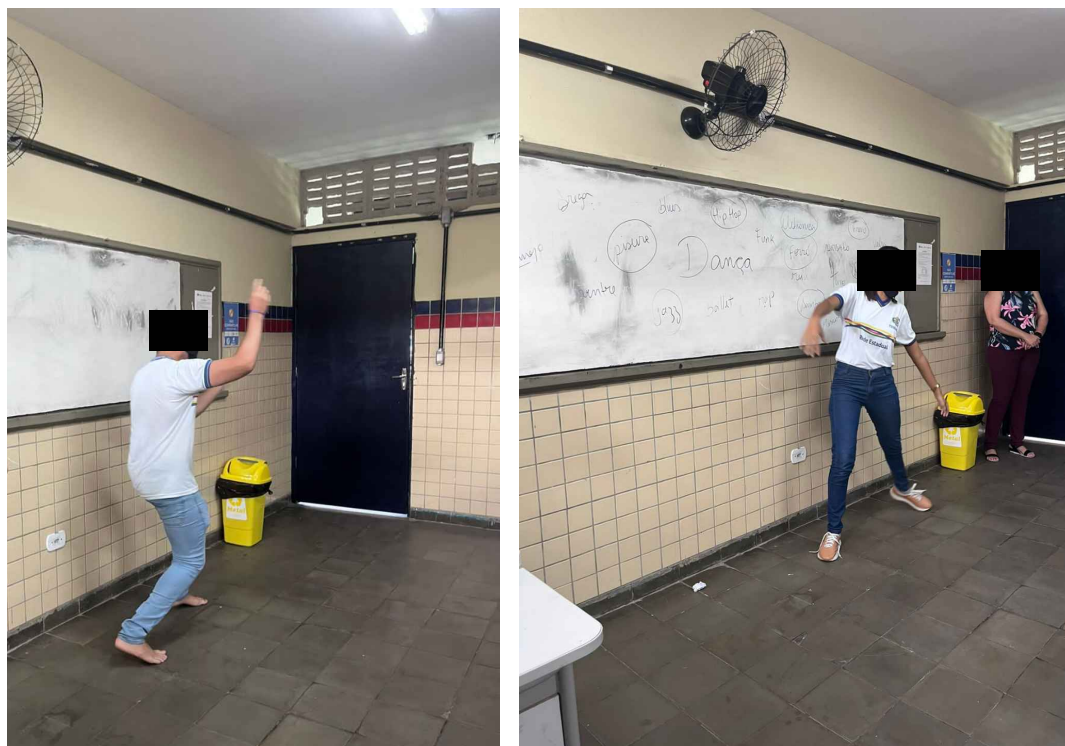
Primeira Aula

Essa aula teve um contratempo, porque a gestora da escola fez uma reunião com os professores durante o intervalo e se estendeu uns 25 minutos do horário da aula do 1ºB MKT. Aquilo que planejamos para 50 minutos teria que ser feito em menos de 30 minutos.

Foi tudo bem corrido, conseguimos realizar o que estava proposto no planejamento de forma bem sintética, selecionando participações nas dinâmicas com duas ou três pessoas. O primeiro momento foi uma introdução sobre o que é dança, anotamos a palavra no quadro e pedimos que eles anotassem no papel: o que vinha na cabeça deles sobre o que era dança com apenas uma palavra; recolhemos os papéis e pedimos para que algum voluntário viesse a frente fazer uma mímica da palavra para que o grande grupo acertasse.

Eles ficaram bem tímidos logo no começo, não queriam se voluntariar, depois que um veio a frente apareceram mais duas pessoas para brincar. Algumas palavras que saíram foram: música, felicidade, tiktok, cultura, batida e movimento.

Figuras 8.6



Fonte: Arquivo Pessoal

O segundo momento da aula foi uma brincadeira com fone de ouvido, pedimos que eles dissessem quais tipos de dança eles conhecem e fizemos uma tempestade de ideias no quadro. Discutimos sobre quais daquelas eram danças e/ou estilos musicais. Depois colocamos alguns ritmos musicais para que eles dançassem na frente sem que os demais ouvissem, e o grande grupo teria que acertar qual estilo musical a pessoa estava dançando.

Por fim, exploramos perguntas como: através da música clássica podemos dançar que tipo de dança? E colocamos no quadro as indagações para responderem no caderno: Qual parte da aula lhe chamou mais atenção? Por que? A dança é um tipo de linguagem? Porque?

Segunda aula

Avançamos no conteúdo trabalhando a classificação das danças. Como eles estavam muito ansiosos para ter aula fora da sala, pensamos que levá-los ao

refeitório seria uma alternativa para sair de sala e conseguirmos realizar uma parte teórica e prática, já que a sala deles é pequena para realizar uma prática.

Foi solicitado que os alunos se dividissem em grupos de até 6 pessoas e fizessem leitura de texto didático. Cada grupo também recebeu cartolina e hidrocor, nela continha classificações dos tipos de dança que existem. Nesse primeiro momento explicamos o conceito de cada dança e construímos com os alunos a ideia do que caracteriza cada um desses tipos de dança. Após, eles anotaram nos espaços que tipos de dança eles conheciam com essas características.

Através dessa aula abordamos questões do tratamento dos valores relacionados à Cultura Corporal de Movimento, tais como: pluralidade cultural. Os alunos foram questionados sobre o que seria o termo pluralidade cultural e grupos sociais, eles deram suas opiniões. Eles também refletiram que a dança é uma arte cultural, e que cada cultura exprime nela suas características (formas de vestir, jeito de dançar, instrumentos utilizados, etc). Também percebemos que uma dança pode fazer parte de mais de uma classificação de acordo com suas características.

Posteriormente, o estagiário explicou que cada estilo musical modifica a forma como dançamos e isso caracteriza os tipos de dança. Para isso propomos uma dança das cadeiras, com estilos musicais diferentes e eles deviam dançar de acordo com o ritmo da música, quando a música parasse quem ficasse sem cadeira deveria responder que dança poderíamos dançar com esse estilo e onde ela se encaixa quanto a classificação.

Figura 8.7



Fonte: Arquivo Pessoal

Terceira aula

O tema dessa aula foi: praticando danças. Trouxemos os meninos para a quadra, como não queríamos praticar por praticar propomos no início da aula que se dividisse em grupos e fizessem a leitura de um texto didático que tinham informações sobre os fundamentos da dança e sobre a origem/característica da dança contemporânea e da dança pau de fitas. Eles deviam responder uma coisa no texto que achavam interessante.

Figura 8.7



Fonte: Arquivo Pessoal

Depois fizemos uma série de dinâmicas que trabalhavam fundamentos da dança e características da dança contemporânea. Pedimos para que se espalhassem no retângulo da quadra de vôlei eles deviam caminhar pelo espaço no ritmo da música (lento, médio e rápido) sem esbarrar em ninguém, parando quando a música parar. Também usamos comandos como saltar, girar, dentro desse espaço. Nessa dinâmica trabalhamos com movimento (saltos, giros, andar) espaço (direções) e tempo (lento e rápido). Eles curtiram a atividade, íamos progredindo à medida que eles conseguiam cumprir com o pedido para não ficar enfadonho.

Em seguida, trabalhamos a dança contemporânea através de dinâmicas, a primeira foi retirando uma situação de dentro de um saquinho e os alunos deveriam realizar movimentos com ou sem música que demonstrem essa situação. Fizemos: árvores balançando, sem liberdade, triste, cansado. A música usada foi uma música lenta. Nessa dinâmica trabalhamos com a liberdade de criação individual e das

múltiplas formas de transmitir um sentimento ou contar história que é uma das características da dança contemporânea. Pedimos que se juntassem em grupos também.

Após esse momento trouxemos o pau de fitas e comentamos que se tratava de uma dança regional trazida pelos europeus e que foi abraçada pela região sul do País. Pedimos que segurassem a fita e ensinamos alguns movimentos básicos da dança como girar em um sentido, levantar e abaixar o braço intercalados, mulher ao centro e rodam, homens ao centro e rodam. Eles amaram a atividade, ficaram bastante empolgados. Produzimos o material com um cabo de vassoura e fitilhos.

Figura 8.8



Fonte: Arquivo Pessoal

Quarta Aula

Essa foi a nossa última regência na turma e foi uma aula maravilhosa, um clima muito agradável, todos os alunos participaram da aula e se arrependeram de não terem trocado de roupa, porque foi uma aula que suamos e nos divertimos arriscando uns passos de dança.

No primeiro momento nós trouxemos um cartaz para reforçar o que já tínhamos visto ao longo das aulas e sondar o que aprenderam. No cartaz continha algumas fotos de pessoas dançando, pedimos para que olhassem e discutimos com eles que danças eram e o que as caracterizavam. Discutimos brevemente, alguns

estereótipos e preconceitos relacionados aos praticantes dessa manifestação, enfatizando que qualquer pessoa pode praticá-la e que ela precisa ser respeitada, assim como outra prática corporal qualquer.

Após isso, explicamos que o hip fomos ao retângulo de vôlei na quadra e fizemos uma brincadeira parecida com a da aula passada, só que nessa usariam feelings e passos do hip hop para marcar o tempo e se deslocar no espaço sem esbarrar em ninguém. Primeiro pegamos o feeling e o passo e depois começamos a nos deslocar ao ritmo da música. Quando eles pegaram o tempo introduzimos a brincadeira pega pega, sendo que eles só poderiam se movimentar no espaço através do passo de hip hop. Eles seguiram as regras e a dinâmica foi um sucesso.

Figuras 8.9



Fonte: Arquivo Pessoal

Em seguida, fizemos uma prática de passos de hip hop. Acompanhando uma música, os estudantes como espelho reproduziam os passos que os estagiários estavam executando. Eles ficaram tímidos no começo, mas depois se soltaram e foi muito rica a atividade.

Em seguida, conduzimos os alunos em duplas para o outro lado da quadra que tinham quadrados desenhados a giz no chão. Cada dupla se posicionou em um quadrado e ensinamos para eles como dançar valsa e sua marcação. Refletimos brevemente como os passos são diferentes que o do hip hop, mais leves e refinados.

Primeiro eles ficaram distantes um do outro e se deslocavam em cima das linhas; depois eles se aproximaram e nesse momento explicamos que a valsa já foi considerada uma dança vulgar, pois na sua época era a dança que tinha mais contato físico entre homem e mulher (namorados) e que isso era proibido na sociedade. Eles ficaram impressionados e discutimos sobre o que é vulgar hoje em

dia e porque as pessoas consideram assim.

Figura 8.10



Fonte: Arquivo Pessoal

Ficamos surpresos que eles gostaram da atividade e se dedicaram a aprender, esse foi um dos pontos fortes da aula. Todos participaram, com duplas compostas entre meninos e meninas, meninas e meninas e meninos e meninos.

O terceiro momento foi a prática das danças de mídia e escolhemos o tiktok. Convidamos alguns alunos para ensinar a coreografia da música “Desenrola, bate joga de ladin” e todos dançaram acompanhando eles. Eles ficaram com vergonha nesse primeiro momento, precisamos dar uma forcinha para sair uns passos com mais desenvoltura.

Em seguida, o desafio dos alunos foi se dividir em grupos e criar novos passos para essa dança, sem que pudessem usar dos passos originais. Eles tiveram um tempo para criar os passos e depois apresentaram para os amigos. Foi um momento muito divertido e de explorar a criatividade, eles se soltaram e fizeram apresentações bem legais, embora não tenham demonstrado tanto repertório coreográfico.

Figuras 8.11: Atividades em grupo



Fonte: Arquivo Pessoal

Por fim, nos reunimos em círculo e perguntamos o que eles acharam das aulas, nos despedimos, agradecemos a turma e tiramos foto juntos. Foi um momento muito emocionante, alguns se emocionaram e agradeceram nossa presença. Reforçamos o quanto é importante participar das aulas, e como nós aprendemos quando praticamos. Ouvimos palavras muito bonitas e empolgantes. Encerramos a aula com a certeza de que demos o nosso melhor e que plantamos uma semente na vida daqueles estudantes.